BiZZ

Mais Lançamentos
e Novas Seções

Exclusivo: nosso reporter
cara a cara com
Mick Jagger

Legião Urbana:
ao vivo especial

Kiss: Paul
Stanley faz sexo
por telefone

Beastie Boys
L7 • The Who

Pantera e Axl Rose
Lideram a cultura
do Ódio

5561 • ANO 10 / Nº 8 • EDIÇÃO 109 • R$ 3,25
ISSN 0104-1649
9 770104 164007 00109

SUSHI OS JAPONESES FAZEM MELHOR QUE A GENTE.

R 1100 RS

Você já ouviu falar de um grande sushi man alemão? Nem nós. Definitivamente, a especialidade dos alemães não tem nada a ver com peixe cru.

Mas com o mesmo talento, que tanta fama deu à arte culinária japonesa, os alemães se sobressaíram na arte de fabricar máquinas e motores. No domínio das leis da física e da engenharia aeroespacial. No desenvolvimento de produtos revolucionários, como os primeiros aviões a jato ou as últimas motocicletas BMW.

K 1100 RS

A BMW F 650 é uma máquina versátil. Uma moto ágil na cidade e resistente nas trilhas. Motor de 652 cc, aceleração de 60 a 140 km/h em menos de 16,9 segundos, freio a disco duplo e um dos preços mais acessíveis da sua categoria.

A BMW R 1100 RS tem uma ergonometria perfeita. Enquanto no Japão os motociclistas se ajustam às motos, na Alemanha é o contrário: a moto se ajusta ao motociclista. Banco, pára-brisa, manoplas e alça de freio podem ser regulados de acordo com o seu corpo. O motor boxer, com 4 válvulas por cilindro e injeção eletrônica, responde ao acelerador com o máximo de precisão e desempenho. Sua velocidade final ultrapassa os 200 km/h. Os freios ABS nas duas rodas e a suspensão anti-dive effect garantem uma freagem rápida e segura. Você pára e a moto não mergulha.

A BMW K 1100 RS tem todos os diferenciais da R 1100 RS. A diferença básica é o motor com 4 cilindros em linha e 4 válvulas por cilindro. Pelas suas características de desempenho e velocidade, é uma moto de grande performance em estradas.

F 650

Para outras informações, consulte o seu revendedor autorizado BMW. Ou vá pessoalmente até uma concessionária e veja de perto por que, em matéria de motocicletas, o peixe dos alemães é mais comprado que o peixe dos japoneses.

Regino Import

Importador exclusivo para o Brasil da BMW AG. Concessionárias autorizadas BMW no Brasil: • São Paulo: Autostar (011) 851-5177 - Deck (011) 820-6600 - (011) 280-1855 - Izzo Auto (011) 861-1999 e (011) 893-6044 - No Risk (011) 573-3920 • Belém: BM Import (091) 235-1060 • Belo Horizonte: Multimport (031) 296-4100 • Blumenau: Top Car (0473) 26-2680 • Brasília: Deck DF (061) 226-9133 • Campinas: MB Motors (0192) 55-8788 • Curitiba: BM Place (041) 232-4878 - Euro Import (041) 225-3535 • Londrina: German Car (043) 330-0325 • Porto Alegre: BM Point (051) 343-0366 • Recife: Euromotor (081) 325-6109 • Ribeirão Preto: Eurobike (016) 625-0069 • Rio de Janeiro: Motor Haus (021) 255-6242 - Technik (021) 493-3434 • Salvador: Bahia Import (071) 371-0500 • São José do Rio Preto: Munich Import (0172) 34-2069. Futuras concessionárias: Brasília, Fortaleza, Goiânia e São Paulo (Zona Norte).

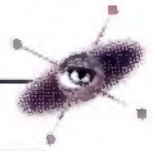
PRAZER EM DIRIGIR.

Algo estranho acontece na sociedade jovem americana: surge a chamada CULTURA DO ÓDIO. Essa mudança de comportamento juvenil, que cultua a raiva como modo de vida, começa a mudar os hábitos de quem vive nos EUA e aparece de forma latente até na música. Seja nas baixarias de um ídolo como Axl Rose ou na revolta do gangsta rap. Tanto na postura agressiva e sem caráter do Pantera, como na índole autodestrutiva do finado Kurt Cobain (aquele que escreveu "eu me odeio e quero morrer").

Para analisarmos o fenômeno, tomamos como seus ícones o PANTERA (cujo baterista Vinnie Paul foi entrevistado por Hélio Gomes) junto a um perfil de AXL ROSE, além do raio-x de José Emilio Rondeau, correspondente da BIZZ em Los Angeles, que sente de perto a barra desta onda na cidade dos filmes e da violência rap.

Mas nem só de ódio se vive. Assim, colhemos os frutos plantados há um ano quando descobrimos as novas caras da Mpop3 e levamos alguns nomes consagrados e outras promessas – como Glerm do Boi Mamão (foto) – para baixo da lona de um CIRCO em um ensaio fotográfico que provou que eles também são bons de picadeiro. Em Londres, Anamaria Lemos encarou as meninas do L7, enquanto Sérgio Martins ouviu boas de Paul Stanley, do KISS, além de traçar um paralelo entre a produção musical e a situação política da ÁFRICA DO SUL.

Mas a maior surpresa vai ser percebida ao longo da revista. Em uma primeira folheada, já dá para sentir uma série de mudanças. Além do aspecto gráfico (com maior apuro visual e as novas vinhetas das seções fixas), a linha editorial foi melhorada. O Showbizz foi enriquecido com os espaços Datas (os dias marcantes do mês) e Enjoy It (com sugestões de entretenimento para a moçada), ao lado das "notas quentes". Outra seção renovada: Ao Vivo, com cobertura completa do(s) Show(s) mais importante do mês – nesta edição a volta da LEGIÃO URBANA para São Paulo.



E o gran finale, a estréia das novas seções: 1.Satélite: linha direta com o que ocorre pelos quatro cantos do mundo/ 2.Lançamentos: reunião de Discos (de edições nacionais) e Zona Franca (com importados), pois já não há tal distinção no atual mercado discográfico brasileiro/ 3.Clássicos: a ex-seção Replay, ampliada e mais abrangente ao cobrir edições históricas. Mas aguarde, outras novidades virão.

A REDAÇÃO

Ilustração de capa: Eli Sudbrack

BiZZ

Ano 10 • Nº 8 • Edição 109 • Setembro, 1994

26 Que tal remixar o seu disco favorito ou "dar uma volta" pela casa de Prince? A interação total entre som e imagem está chegando com o **CD-ROM**

30 Devoto do pop e criador de polêmicas, **LULU SANTOS** é encostado no "paredão" e solta o verbo em um verdadeiro tiroteio de perguntas

32 Elas são ferozes e fazem muito barulho... Depois de uma fase de baixo astral, as quatro garotas do **L7** voltam à carga mais furiosas do que nunca

36 Inferno racista até algum tempo atrás, a **ÁFRICA DO SUL** vê surgir as vozes de artistas que se levantam contra o apartheid e pregam a integração racial

40 Eles já foram punks barulhentos, passaram para o rap – do tipo barulhento – e vêm de disco novo, por sinal, bem barulhento... Com vocês, **BEASTIE BOYS!**

44 Muito sexo & rock'n'roll na carreira dos ex-mascarados do **KISS**. Quem conta as sacanagens é o guitarrista cantor Paul Stanley, em exclusiva para a BIZZ

48 Uma geração movida pelo ódio. Com ídolos como o Pantera e Axl Rose, ela se expressa com revolta e destruição. Está aqui a **CULTURA DO ÓDIO**

54 Respeitável público: revelações do rock pop brasileiro adentram o picadeiro com passes de mágica e malabarismos. Eis **O NOVO CIRCO DO ROCK BRASIL**

este mês

CARTAS
6 Recado dos leitores, agora logo de cara

SHOWBIZZ
9 O peso do Anjo Dos Becos, a mina de Madonna...
10 Canadá, urgente: Rolling Stones ao vivo!
12 O ex-Picassos Falsos, Humberto Effe, segue solo
13 A coluna Datas, com uma agenda para se lembrar
14 O rap do Rappa, Pink Floyd sobre quatro rodas
16 CJ Ramone em banda nova? James Brown no Brasil?
17 Ouça Essa, com as frases do mês
18 Alicia Silverstone, a gata do clip do Aerosmith
19 Bruce Dickinson, um tributo ao Black Sabbath...
20 Enjoy It: nova seção com as boas surtidas da praça

MIX
22 Drogas, drogas & novidades sobre Michael Jackson

SATÉLITE
24 Bali? Nova York? Ibiza? Sua conexão mundial é aqui

AO VIVO
60 São Paulo se reúne a Renato Russo na volta da Legião

LANÇAMENTOS
64 O rap "de união" do Arrested Development
66 Renato Russo solo, Nick Cave e um tributo a Curtis Mayfield
68 Therapy?, Helmet, Seal, metal brasileiro e o tributo ao Kiss
70 Frank Black, Pride & Glory, Joan Jett e Trilhas Sonoras
72 A volta da seção Rápido & Rasteiro
74 Vídeos: U2 e Madonna ao vivo na Austrália
76 Bolsa De Discos Parada

CLÁSSICOS
76 Caixas de CDs com The Who, The Byrds e Barry White
78 Rock nacional: de Os Incríveis ao Made In Brazil
79 O melhor do reggae "canábico" e Jukebox, com Johnnie Ray
80 Dose dupla de Eric Clapton e vídeo histórico do U2

DISCOTECA BÁSICA
82 Uma lição de jazz rock: Birds Of Fire, da Mahavishnu Orchestra

Cartas

Take it easy, Adriana. Qualquer crítica, por mais "absurda, ridícula" que seja, é super bem-vinda pela redação da BIZZ. O dono deste espaço é o leitor e toda e qualquer opinião expressa por vocês nas cartas que chegam até nós é ultra-fundamental. Escrevam!

CALMA, LEITORES!

"Já faz um tempo que eu compro a BIZZ e nunca me decepcionei como dessa vez. Onde já se viu treze páginas só de propaganda?"

Beatris Camila Duqueriz, *Cáceres/MT*

"Ia renovar a assinatura da BIZZ (já faz cinco anos que assino). Mas quando comecei a folhear a edição 108 e vi treze páginas jogadas fora me revoltei. Deu vontade de cagar e limpar. Essas páginas tinham uma ótima reportagem sobre um novo grupo de rock chamado 'Ornino'. Pô, tenha santa paciência!"

Marcelo R & Cia., *Foz do Iguaçu/PR*

Carissimos leitores, as duas cartas acima retratam de forma perfeita o conteúdo de outras tantas enviadas à redação no último mês. Vamos aos fatos: a BIZZ é uma revista que "fala" de música/cultura pop, ou seja, "fala" de televisão, cinema, comportamento, tendências, tecnologia e... moda e outros assuntos. Assim sendo, a veiculação de um anúncio de uma grife de moda jovem nessa revista é um fato natural e saudável.

QUANTO MAIS, MELHOR

"Parabenizo a BIZZ, que vem dando o espaço que o rap fazia por merecer faz tempo."

Rodolfo Souza Petelinkar, *Itapetininga/SP*

Rap, rock'n'roll, reggae, metal, blues e tudo mais. Essa é a matéria-prima da BIZZ, como qualquer outra novidade que pintar por aí...

COM A BOCA NO TROMBONE

"Decidi escrever para a BIZZ para criticar os leitores. Estou muito chateada com alguns leitores que não sabem nem o que estão lendo na revista e acabam fazendo algumas críticas absurdas, ridículas."

Adriana P. Stillo, *São Paulo/SP*

PERDÃO, MR. ADAMS

"Estou apenas escrevendo para corrigir um erro na edição 107 da revista, na matéria sobre Bryan Adams. O nome correto das duas músicas do cantor escritas para filmes estava errado. Na primeira, o nome correto é '(Everything I Do) I Do It For You', e não 'I Do Everything For You'. A segunda música é 'All For Love' – e não 'I'd Do Anything For Love'."

Rodolfo Silva, *Santo André/SP*

Muito bem Rodolfo, nota dez para você. Erramos e erramos feio. A única coisa a fazer é dar a mão à palmatória e prometer que erros como esses não se repetirão mais.

POR TODOS OS LADOS

"Apesar das muitas revistas de música que existem por aqui, eu prefiro a BIZZ. Quero ler em português o e saber o que acontece no mundo da música. Como consigo uma assinatura?"

Eleonora Jorge Alves, *Berlim/Alemanha*

"Apesar das muitas revistas de música que existem na Alemanha, eu prefiro a BIZZ. Quero ler em português e saber o que acontece no mundo da música no Brasil."

"Mesmo estando tão longe, curto pacas os rappers nacionais porque eles são diretos e honestos em suas letras. Parabéns pela reportagem 'Faça A Coisa Certa', publicada na edição 108."

Tchen, *Hokkaido/Japão*

BIZZ intercontinental, que maravilha! Erguemos as mãos para o céu e agradecemos. Obrigadaço, moçada. Quanto a assinatura, entre em contato com o nosso distribuidor em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicações, em Quinta Pau Varas, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa.

ERRATAS & ESQUECIMENTOS

- *Celso Pucci se retratar: A resenha sobre o grupo Violent Femmes na edição anterior veio ilustrada com uma foto do baterista Victor De Lorenzo, quando na verdade o cara – depois de treze anos com a banda – foi substituído por Guy Hoffman. A pisada na bola foi devida ao disco ter sido escutado em advanced tape.*
- *Sérgio Barbo esclarece: o disco do Blue Cheer que foi Discoteca Básica no número passado foi editado originalmente em 67 – e não em 68, conforme foi publicado.*
- *BIZZ informa: no mesmo edição, a discografia, a videografia e a filmografia dos Rolling Stones foram feitas por nossos colaboradores Paulo Cavalcanti e Ayrton Mugnaini Jr.*

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor - Gerente: Carlos C. Amuda

REDAÇÃO
Editor especial: Celso de Salles Pucci
Editor de arte: Richard Kovacs
Editores-assistentes: Hélio Gomes, Robert Halfoun, Sérgio Martins
Editor-assistente de arte: Flavio H. B. Vianna
Coordenador de produção: Roberto Morgan Lopes
Arte: Eli Sumida
Correspondentes: Anamaria Lemos (Londres), Cláudio Campos (Rio de Janeiro), José Emílio Rondeau (Los Angeles)
Colaboraram nesta edição: texto: Alex Antunes, André Barcinski, Arthur Veríssimo, Arthur G. Couto Duarte, Ayrton Mugnaini Jr., Bia Abramo, Camilo Rocha (Londres), Carlos Eduardo Miranda, Christian Petermann, Cristina Ruiz (Nova York), Daniel Benevides, Fabian Chacur, Fernando Naporano (Londres), Gabriel Bastos Jr., Hagamenon Brito, Inalé Ravenna, Jeferson de Sousa, João Ricardo Lima, Marcelo Camevali, Paulo Cavalcanti, Ricardo Alexandre, Sérgio Barbo, Sônia Alves, Tommie Spessoto, Zeca Camargo. **Fotos:** André Sader, Cláudio Elisabetsky, Fábio Cabral, Jorge Rovenberg, Penna Prearo, Rui Mendes, Sérgio Neder. **Ilustrações:** Elizabeth Tognato, Matangra, Rafael Lain, Speto. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos

PUBLICIDADE
Diretor de Publicidade: Cláudio Santos
Gerente: Ana Lúcia Serra
Supervisores de Contas: Afonso Patrocínio, FábioGomes, Ricardo Santos.
Contatos: Ana Lúcia Bertoia, Ana Maria Lobo, Cristiane Mochnacs Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Terranova
Coordenadores: Antônio Fernandes, Igor Assen, José Soares

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Arnaldo C.Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Amata
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1649**, edição 109, agosto de 1994) **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813.9165. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel. (021) 532-0312, fax: (021) 532-1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Azul garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgarmos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP.

ANER IVC

Serviço ao assinante: tel. (011) 823-9222
Fotolito: Paulitex Ltda. **Fotolitos:** Arte Gráficas, Gráficolor, Progresso Editorial
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

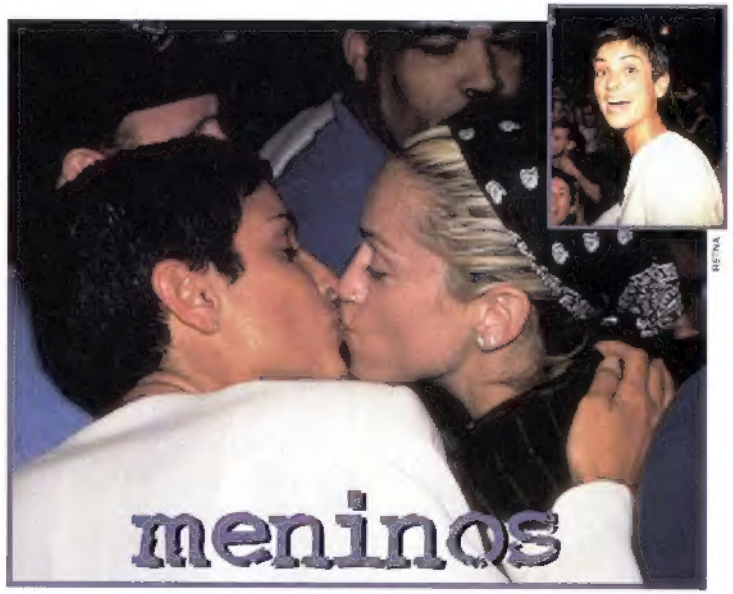
SHOW BIZZ

PORRADA ANGELICAL

A melhor banda *unsigned* de São Paulo procura gravadora para lançar seu primeiro disco. Som: bem pesado, dá para fazer *stage dive* e tem balanço. Formação: voz, duas guitarras rapidinhas, baixo, bateria e – coisa rara numa banda de rock pesado – um naipe de metais!

O octeto **ANJO DOS BECOS** nem precisou de muitos shows no circuito para se firmar como uma das bandas mais legais da cidade. A última demo, de outubro de 92, é até bem produzida, mas não capta a metade da energia deles ao vivo. Tem muita coisa de circo –cortesia do vocalista Pirata. Apesar de já ter traduzido as músicas para o inglês, o grupo ainda prefere continuar cantando em português para se entrosar melhor com a galera. O refrão de "Funny Fluxo", uma espécie de cartão de visitas (se descontarmos a participação na coletânea *Clip Independente*) define o *leitmotiv* do Anjo dos Becos: "...Só quero diversão". Contatos: (011) 829-8288 e (011)61-4926.

João Ricardo Lima



meninos

MADONNA levou a poesia de Renato Russo ao pé da letra e apresentou sua namorada, Ingrid Casares. A gata foi vista aos beijos com a cantora durante a festa *Lifebeat Benefit*, em Nova York. Na parte musical, Madonna ainda cedeu a faixa "Goodbye To Innocence" para o disco pró-aborto *Just Say Roe*.

Jim Hutton, um dos namorados de **FREDDIE MERCURY** está lançando um livro sobre seu relacionamento com o vocalista, que morreu em consequência da Aids em 91. O caso amoroso levará o título de *Freddie Mercury And Me* e tem seu lançamento previsto para outubro. Enquanto isso, os remanescentes do Queen estão trabalhando num novo disco do grupo. O álbum, chamado *Penultimate*, teria faixas demo e algumas músicas nas quais Freddie estava trabalhando antes de morrer.

meninas

Numa telefoto, confira a funa dos Stones na festa de lançamento de seu novo disco, em Toronto (Canadá)

EXCLUSIVO

Canadá: nosso correspondente José Emilio Rondeau foi o único jornalista brasileiro a assistir ao show secreto dos Rolling Stones num bar em Toronto

Cinco dólares e uma tonelada de sorte foi a combinação necessária para assistir a um show único, histórico, realizado na penúltima semana de julho, quando os ROLLING STONES iniciaram no tranco a turnê de *Voodoo Lounge* com uma apresentação surpresa no *nightclub* RPM, em Toronto – um lugar pequeno o bastante para comportar não mais que 1.200 pessoas, íntimo o suficiente para deixar o público acompanhar trocas de palavras e olhares entre os integrantes, e ouvir o som que sai não de um P.A. monumental, mas dos amplificadores Ampeg em que os músicos estão plugados.

A última vez que os Stones tocaram num lugar tão pequeno foi em 89, em Connecticut (EUA), aquecendo as turbinas para a turnê *Steel Wheels*. Na última passagem da banda por Toronto, em 77, para um show no *nightclub* El Mocambo, a então primeira-dama do país, Margareth Trudeau, compareceu – e não muito depois a polícia montada canadense deu um bote em Keith Richards que quase o nocauteou (e com ele os Stones) para sempre.

Cercado de circunstâncias consideravelmente menos dramáticas e controversas – toda a renda reverteu para a Covenant House, entidade dedicada ao cuidado dos menores carentes em Toronto –, o show teve inúmeras funções: serviu para tirar a ferrugem de palco da banda antes do início da turnê, para apresentar ao público o novo baixista, Darryl Jones (e vice-versa), e para testar o material do novo álbum. Sobretudo, o show serviu para demonstrar como, entrados em seu quarto decênio de atividade ininterrupta, os Rolling Stones ainda arrebentam ao vivo.

Tudo isso foi cumprido, e com honras: Darryl estava totalmente à vontade no novo posto. A inclusão de nada menos que cinco faixas de *Voodoo Lounge* – um terço do disco – no show reforça a confiança nas novas canções.

O barato do show, no entanto, foi menos para a banda – no dia seguinte, num intervalo dos ensaios que os Stones estão fazendo na Crescent School, uma escola em Lawrence Park, área nobre de Toronto, Charlie Watts diria que tocar em clubes assim "é um horror, é quente demais, com as luzes queimando em sua cabeça" – que para o público – uma mistura democrática em que a garotada suplantava os quarentões.

Uma fã alucinada jogou o sutiã em cima de Mick Jagger aos primeiros acordes de "Honky Tonk Women". Ele esfregou a peça dentro da calça e mandou-a de volta para a platéia

Espremida sobre o pântano de cerveja, suor e mijo em que se transformou o chão do RPM depois do incendiário show de abertura, feito por Jeff Healey, a malta ululante assistiu a quase duas horas de um tipo de apresentação como os Stones fizeram duas vezes nos últimos 17 anos: sem palco suntuoso (eles quase se espremiam no espaço furreca do RPM, aumentados pelo tecladista Chuck Leavell, diretor musical da banda, mais os vocalistas Bernard Fowler e Lisa Fischer e o saxofonista Bobby Keys), sem efeitos especiais, com a cara e a coragem, apoiados somente em seu catálogo e sua capacidade como banda.

Ao contrário dos "shows-eventos" cercados de badalação e pompa, o show no RPM constantemente beirou o caos absoluto, com copos de cerveja sobrevoando o palco, erros sendo assumidos (eles precisaram recomeçar "Love Is Strong" por causa de uma "engasgada") e os nervos à flor da pele (Jagger não tirava os olhos de Keith e de Leavell, atento a contagens e às mudanças de acorde).

Nunca mais se vê os Stones assim: tão de perto, tão humanos, tão nus, por assim dizer, tão reduzidos a sua essência mais básica: uma bandeca de garagem que virou mito.

Embora não seja ainda a lista definitiva a ser adotada durante a excursão – "ela vai mudando conforme a turnê se desenrola", diria Mick Jagger na Crescent School, no dia seguinte –, se for indicação de algo, o repertório do show no RPM mostrou-se o mais gratificante de uma excursão dos Stones desde 75, da abertura com "Live With Me" à inclusão de obscuridades como "No Expectations" e "Monkey Man" na mistura.

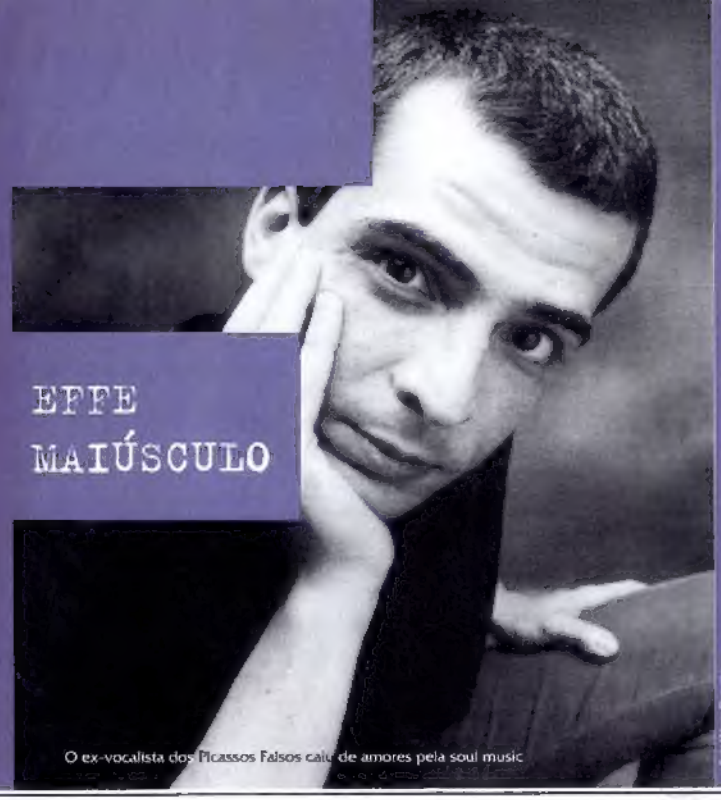
Voodoo Lounge aparece cedo – "You Got Me Rocking" é a segunda música do show e obteve no RPM uma das melhores acolhidas da noite – e ressurge novamente via "Sparks Will Fly", "Love Is Strong", "Brand New Car" e "I Go Wild". Os velhos cavalos de batalha – "Start Me Up", "Brown Sugar", "Rocks Off", "Shattered", "Tumbling Dice" – estiveram todos presentes e incendiaram a platéia (no primeiro acorde de "Honky Tonky Women", imediatamente um sutiã voou na direção de Mick Jagger e três meninas montaram nos ombros de seus respectivos parceiros e tiraram a camisa. Jagger e Richards se entreolharam, meio que incrédulos, antes de Mick tirar partido do momento e esfregar o sutiã calça adentro e devolvê-lo à platéia).

Mas o ponto alto coube a uma versão absolutamente soberba de "I Can't Get Next To You", música de Al Green gravada originalmente pelos lendários Temptations. Ali estava, enfim, o caminho para o futuro dos Stones, como concordaria depois do show, a camisa empapada de suor, Tony King, empresário pessoal de Mick Jagger. "É exatamente nisso que eu acho que eles deveriam se transformar", disse Tony enxugando a testa, "uma banda de blues".

notas

Quem esperar 45 segundos depois da última faixa de Purple, novo álbum do **STONE TEMPLE PILOTS** (na foto, o vocalista Weiland), vai encontrar uma surpresa. Lá está uma música estranha, chamada "Second Album" e composta por Richard Peterson, um músico que se apresenta pelas ruas de Seattle. A canção vinha sendo usada pela banda para fechar os shows do STP ano passado. Quem se deu bem com a história foi Peterson: sua conta bancária deve engordar – e muito – com o pagamento de direitos autorais ***

A Geffen, gravadora do **NIRVANA**, alardeou que vai soltar uma faixa inédita do grupo. A música, chamada "Pay To Play", nada mais é que a primeira versão de "Stay Away", de Nevermind. "Pay" sai num disco de raridades chamado DGC Rarities Vol. 1 *** A cantora **DEBORAH HARRY** foi gentilmente dispensada pela sua gravadora, a Chrysalis. O motivo foi as fracas vendas de Debravation, seu último disco – não passou das 14 mil cópias na Inglaterra



EFFE MAIÚSCULO

O ex-vocalista dos Picassos Falsos cai de amores pela soul music

O homem por trás das letras angustiadas e algo deprimentes dos Picassos Falsos ressurge com um trabalho solo bem diverso. **HUMBERTO EFFE** continua buscando inspiração na história musical do Rio (Ismael Silva, Noel Rosa) mas deixou um pouco de lado os discos do Joy Division para descobrir a soul music. Conclusão: Effe está cantando muito melhor do que nos velhos tempos do Picassos. Seu repertório novo inclui uma personalíssima versão da simplória "Farofa" (que foi sucesso nos anos 70, principalmente entre as crianças) e mixa Bezerra da Silva ("Antena de Televisão") com Body Count ("There Goes The Neighborhood"). A prova de fogo dessa mistura acontece em outubro, quando o selo Dubas (do *songwriter* Ronaldo Bastos) põe o disco nas lojas.

Cláudio Campos

DATAS

23 de junho: nasce Francesca, a primeira filha do guitarrista Gilby Clarke, do Guns'N'Roses – que, segundo rumores, está a um pé da dissolução.

01 de julho: o vocalista Phil Anselmo, do Pantera, é preso após tacar seu microfone na cabeça de um segurança. Anselmo ficou irritado com o dito cujo porque ele não deixava os fãs da banda subirem ao palco.

08 de julho: a cantora Whitney Huston sofre um aborto involuntário do segundo filho que teria com o também cantor Bobby Brown. Os dois são pais de Bobbi, uma menina de dois anos.

15 de julho: o cantor pop Phil Collins anuncia o seu divórcio da esposa, Jill, com quem estava casado há quinze anos. O motivo da separação, segundo Collins, é que ele encontrou um antigo amor da adolescência.

26 de maio: foi o dia do casamento do cantor Michael Jackson com Lisa Marie (foto), filha de Elvis Presley, segundo um juiz da República Dominicana. O casório teria custado US$ 50 para os noivos.

18 de julho: o cantor Rick James, autor de sucessos como "You And I" e "Superfreak", foi condenado a cinco anos e quatro meses de reclusão numa prisão estadual da Califórnia. James foi acusado de estuprar duas mulheres e porte de drogas pesadas.

6 a 8 de setembro: o grupo de reggae UB-40 toca no Olympia, em São Paulo. Dia 10 eles fazem show no Metropolitan, uma nova casa de shows no Rio de Janeiro.

14 a 16 de setembro: os progressivos do Yes dão shows no país, em locais a confirmar.

OLHO NO LINCE

A linha de relógios Lince tem inúmeros opções masculinos, femininas, sociais e esportivas com um design incrível.
Lince tem tecnologia quartz, certificado de garantia e assistência técnica em todo o país.
Você tem toda a moda nas mãos com um Lince no pulso.
Olho no Lince. Sempre um modelo certo a preço justo.

LINCE
QUARTZ
SEMPRE UM MODELO CERTO A PREÇO JUSTO.

RAPPA COMO PAPA DO REMIX

Enquanto os brasileiros se deliciavam com as proezas de Romário na seleção durante a campanha do tetra, o grupo **O RAPPA** passou o mês de julho enfurnado no estúdio Park Side, situado em Brixton, o bairro mais jamaicano de Londres. O motivo: era dia de trabalho com Denis Bovell, lendário baixista e produtor de reggae, que estava auxiliando nas mixagens do primeiro disco do grupo. Os elogios foram mútuos. "Eles são os melhores músicos com quem eu trabalhei em anos", disse Bovell. "É incrível como ele deixa todas as nossas músicas com uma cara reggae", exultava o baterista do Rappa, Marcelo Yuca. "Até mesmo as coisas mais brasileiras estão com um sotaque jamaicano." Empolgados com o trabalho do produtor gringo, os "rappas" pensam até em acrescentar algumas versões *dub* às doze faixas do disco, além de contar com a participação do filho de Denis, Steven Bovell, fazendo as vezes de DJ. Seria uma resposta *made in Jamaica* à dobradinha do Rappa com Bezerra da Silva em "Candidato Caó Caó". *Sérgio Martins*

O grupo ensaia algumas sonzeiras de estúdio com o produtor Denis Bovell

PINK FLOYD À TODA VELOCIDADE

Em comemoração à turnê do PINK FLOYD pela Europa – 28 shows em três meses –, a Volkswagen lançou um carro batizado com o nome da banda. O veículo , um Golf pintado ao estilo da banda, teve o anúncio ao lado publicado na revista francesa *Rock & Folk*. O carro faz parte da campanha promocional de *The Division Bell*, novo álbum do Floyd.

on the road

CAIXA POSTAL 61.051

ROADRUNNER RECORDS

CEP 05071-970 SÃO PAULO

BREAKING BARRIERS

ramones solo

O grupo de CJ Ramone (o primeiro, à esq.) luta pelos direitos dos índios

O baixista dos Ramones desde 89 aproveitou a última passagem pelo Brasil para divulgar sua banda paralela, **LOS GUSANOS** – o nome que Fidel Castro deu aos cubanos indesejáveis que receberam um bilhete só de ida para os Estados Unidos. Los Gusanos, a banda, não tem nenhum cubano, mas admira a cultura, a língua e a paixão com que os latinos fazem as coisas. Nos Ramones, CJ também canta algumas músicas. Nos Gusanos, canta e toca guitarra-base. Na bateria está Frank "Spanky" Saitta, *roadie* dos Ramones. As semelhanças páram por aí. No CD-single "I'd Love To Save The World" (lançado pela Alternative Tentacles nos Estados Unidos), Los Gusanos mostram um som mais cru, com menos *bubblegum* e produção do que sua banda-matriz. Outro tema caro aos Gusanos e a CJ, especialmente, são os problemas dos índios. A capinha do CD diz que todo o dinheiro arrecadado com a venda vai ser destinado a uma escola para índios e traz os endereços de várias organizações indígenas. "Os governos querem destruir a cultura, o modo de vida, a língua e o amor-próprio dos índios. Isto acontece até hoje, mas a maioria das pessoas não toma conhecimento", afirma CJ. Para ele, recentes filmes como *Gerônimo* ajudam a chamar atenção para a questão indígena, ainda que a nova versão de Hollywood para o "nobre selvagem" seja um pouco irreal.

Mas nem só de nativos falam as músicas do quarteto. "A maioria das músicas é sobre pessoas que conhecemos, amigos e problemas sociais", explica CJ. "Ride", do CD, por exemplo, fala de uma tentativa de esquecer as frustrações numa volta de moto (já pintou grana e CJ comprou uma Harley Davidson). Agora, os Gusanos querem gravar um clip e um álbum inteiro pela Alternative Tentacles. CJ já tem cinco músicas prontas para o próximo disco dos Ramones. O cara gostaria de fazer um show com bandas brasileiras, perto da Floresta Amazônica. Depois do último show em São Paulo, CJ cantou "Strength To Endure", numa canja com os Raimundos, no Aeroanta – e caiu de amores pela ex-banda cover dos Ramones. "Eles tocam com paixão."

Contatos: Alternative Tentacles P.O. Box 419092, San Francisco, CA 94141, USA. No Brasil, o CD pode ser adquirido no Beatmones – Rua 24 de Maio, 62, 3.º andar, lj 473, CEP 01041-000, São Paulo – SP.

J.R.L.

Divulgação

JAMES BROWN NO FREE JAZZ

O papa da soul music é a grande atração prometida pelos organizadores do festival, que rola no final de outubro. Brown veio ao Brasil pela última vez em 88 e logo depois passou um período brabo: foi preso e ficou dois anos em cana. Ano passado, James Brown deu a grande virada de sua carreira ao gravar *Universal James*, disco que reuniu como produtores a dupla Clivillés + Cole e Jazzy B (líder do Soul II Soul). O Free Jazz ainda vai ter uma noite dedicada ao jazz rap, com os grupos US3, Guru e Digable Planets, além do baixista Marcus Miller

OUÇA ESSA

"Deus, eu não entendo por que Bill saiu da banda. Às vezes eu viro para o lado e digo: 'Ei Bill, acerte o som do baixo', e ele não está mais lá." (Keith Richards, sobre a saída de Bill Wyman dos Stones, na revista francesa *Inrockuptibles*)

"Gene Simons é um demônio, o Mal em pessoa. Gene é um personagem em quadrinhos que ganhou vida." (Scott Ian, Anthrax, na *Kerrang!*)

"A primeira vez que eu me maquiei, o que veio à minha cabeça foi uma combinação de imagens que me fascinaram, como a de O Fantasma da Ópera e Batman a King Kong e Bela Lugosi." (Gene Simmons, outra da *Kerrang!*)

"Eu nunca bebi ou tomei drogas em toda a minha vida. Só fico 'alto' quando estou na cadeira do dentista. Meu único vício são as mulheres." (Gene Simmons, na mesma entrevista)

"O Paulinho da Viola deveria tomar um ácido e ouvir *Popsambalanço* do Lulu Santos. É uma boa referência." (Tony Platão, em O *Globo*)

"Eu não dou a mínima para a morte de Kurt Cobain." (John Lydon, na *Musician*)

"Eu me mataria." (Traci Lords, na *Details*, ao ser perguntada sobre o que faria se tivesse de transar com o radialista americano Howard Stern)

"Agora que eu descobri o Pink Floyd, não sei por que as pessoas insistem em ouvir coisas como The Orb. Eles são bons, mas o Pink Floyd é a verdadeira fonte de tudo." (Brett Anderson, guitarrista do Suede, na revista inglesa *Vox*)

"O heavy metal me faz rir, é uma comédia. Você abre uma revista e só vê uns cabeludos fazendo pose." (Page Hamilton, líder do Helmet, na *Kerrang!*)

"Eu já dei várias declarações com as quais hoje eu não concordo. Mas quem é que nunca fez isso? A diferença é que as minhas são sempre gravadas e colocadas nos jornais." (Paul Weller, *Pulse*)

"Se meus pais vissem os meus shows , eles morreriam de vergonha. Eu não sei se eles agüentariam a cena em que eu sodomizo o papa." (Dave Brockie, o nojento Oderos, do Gwar, na *Pulse*)

Aqui você faz o Show!

Circo Voador
outubro - 94

Inscrições
até 19 setembro

Prêmios
CD single, video-clip, passagens p/ exterior e outros.

Fest Valda
Aberto de música
Integração Colégio - Universidade

Patrocínio

Disque Fest Valda (0800) 21 1200

Apoio

Rede T · Drakkar Noir Guy Laroche Paris · Revista Bizz · adidas · Drum · Warner Music Brasil

Tentação Adolescente

Ela é uma delícia, um perigo, tem apenas 17 aninhos (chave de cadeia!), e está todos os dias na sala de sua casa, seduzindo, se despindo, insinuando, distribuindo caras e bocas de tesão. Ela é **ALICIA SILVERSTONE**, personagem dos três clips mais recentes do Aerosmith ("Crying", "Amazing" e "Crazy", no qual sugere cenas de lesbianismo com a filha de Steven Tyler, Liv Tyler, co-estrela do clip) e estrela do provocante *Crush – Paixão Sem Limite* que chega agora às locadoras brasileiras. Alicia é uma garotinha linda, mas com alguns parafusos a menos, que tece uma teia de amor e terror em torno de Cary Elwes. Detalhe para os taradões de plantão: quando foi descoberta em sua cidade-natal, San Francisco, Alicia não tinha mais de 15 anos. *Crush* não é nada que renda um Oscar a Alicia – para muitos ainda é melhor ver as calcinhas de Silverstone na *MTV* – mas deu início a uma carreira de atriz que já resultou em mais três outros filmes. Ainda esse ano saem nos Estados Unidos *Hideaway* (thriller estrelado por Jeff Goldblum) e *The Babysitter* (um drama). E Alicia está filmando com Kevin Dillon o novo filme de ação, *True Crime*.

notas

BRUCE DICKINSON (foto) ataca no cinema. O ex-vocalista do Iron Maiden terminou o roteiro de Chemical Wedding, sobre a vida de Aleister Crowley (o mesmo mago que destroçou a vida de Jimmy Page) *** Mais Dickinson: o cantor chega dia 1º de setembro ao Brasil para divulgar Balls To Picasso, seu novo disco, e está cotado para participar no disco tributo ao BLACK SABBATH – que ainda tem White Zombie, Sepultura e Ozzy Osbourne, que vai cantar "Iron Man" ao lado do Therapy? *** ERRATA: o número correto para você encomendar a Enciclopédia do Rock Gaúcho – cuja matéria saiu na BIZZ 108 – é (051) 221-5186 *** O guitarrista RON WOOD acaba de lançar o selo Slide Music. O primeiro contratado da casa é o vocalista de R&B BOBBY WOMACK, que vai lançar o álbum Ressurection. Dando uma mãozinha a Womack estão Keith Richards, Charlie Watts, Stevie Wonder e a rapper May May *** O Inner Circle está de disco novo. Reggae Dancer saiu dia 16 de agosto. A música "Summer Jamming", single do novo disco, já pode ser ouvida na trilha sonora de Um Tira Da Pesada 3 *** Coma Rage é o nome do novo disco do VIPER, que sai em outubro pela Roadrunner. O produtor é Bill Metoyer – o mesmo do antológico Show No Mercy, do Slayer – e as músicas estão com uma sonoridade quase punk *** Há rumores da formação de um supergrupo punk. A banda teria BILLY IDOL nos vocais, preenchendo a vaga oferecida a JOHN LYDON. PAUL COOK, ex-Sex Pistols, seria o baterista enquanto que JOE STRUMMER ficaria com a guitarra. Outra fofoca é a reunião do THE CLASH, sob a liderança do guitarrista Mick Jones.

2juntatribo

rock - rap - noise - hard core - funk metal - mod - techno e mais

O PRIMEIRO TEVE MUITO BARULHO, CERVEJA E TERRA. ADIVINHE COMO SERÁ O SEGUNDO?

16, sexta

CERVEJAS
PINHEADS
INTENSE MANNER OF LIVING
BEACH LIZARDS
GARAGE FUZZ
ANARCHY SOLID SOUND
RESIST CONTROL
CONCRETENES
NO CLASS

17, sábado

WRY
DRIVELLERS
MAGOG
KILLING CHAINSAW
OZ
PELVS
BRINCANDO DE DEUS
ADVENTURE
LOOP B

18, domingo

LUCREZIA BORGIA
RELESPÚBLICA
LITTLE QUAIL
BOI MAMÃO
VIRNA LISI
LÍNGUA CHULA
CÂMBIO NEGRO
PLANET HEMP
DAIZY DOWN

SETEMBRO - UNICAMP - CAMPINAS

PRODUÇÃO: ac PRODUÇÕES · CAPTA DOR ZINE
APOIO: OTR · ACTION NOW · NOVA FM CAMPINAS · 97 ROCK · Diário do Povo
PATROCÍNIO: REVISTA BIZZ

ENJOY IT

Yeees! BEAVIS AND BUTT-HEAD

estão agora à sua disposição para uma brincadeira esperta. A Viacom New Media (tel. 001-212-258-6594), divisão de jogos da rede Music Television, está lançando o videogame *Beavis And Butt-Head*, em versão para Super Nintendo (US$ 64,99, nos Estados Unidos) e Saga Game Gear (US$ 49,99). O objetivo do jogo é ajudar os "heróis" a conseguir ingressos para o show do Gwar, sua banda de heavy metal favorita. Com a sua ajuda e após muitas risadas (o som é igualzinho ao da TV), os dois garan-

tem um lugar na platéia. Infelizmente, você pode tentar de tudo, mas também não é desta vez que eles conseguem uma garota. *Cool, dude.*

Estômagos sensíveis, tremei!

Fome Animal, de Peter Jackson – prêmio da crítica no Festival de Cinema Fantástico de Avoriaz '93 –, fala de um vírus transmissível pela mordida de um macaco de Sumatra que transforma a vítima num morto-vivo sedento de cérebros. O diretor usou clichês de quase todos os filmes do gênero, mas os reciclou para apresentá-los de forma sádica, debochada e muito divertida. O herói, um palerma virgem cuja mãe *dominatrix* é a primeira a ser "zumbificada", enfrentará um exército de criaturas em sua própria casa, usando como arma um cortador de gramas. É desmembramento, gosma e sangue para todo lado. Excluindo o clímax edipiano, o melhor momento é quando o panaca é perseguido por um intestino grosso animadíssimo. Não para todos os gostos, óbvio, mas quem entrar em sintonia vai rachar o bico com a orgia promovida. Um clássico literalmente visceral – à disposição nas locadoras. O que fazer agora para superá-lo?

CHRISTIAN PETERMANN

É tempo de corrida

Recar voltou a televisão brasileira menos de dois meses depois da morte de

tudo no Japão, no início dos anos 60, como *Mach Go Go Go*, um mangá (que

Brasil em 75. Na esteira desse "revival", uma nova série está sendo produzida

Raridades do rock de graça

O **Senac** de São Paulo exibe até o dia 17 de setembro uma mostra de vídeos raros nunca exibidos no Brasil. As fitas mostram a história do rock'n' roll, dos anos 50 até a metade dos anos 70. São cenas como o Pink Floyd tocando "See Emily Play" em 67 num parque inglês. Ou David Bowie, ainda novinho, num clip de "Space Odity" além de Animals, Carl Perkins, Otis Redding e muito mais. O endereço do Senac é rua Dr. Vila Nova, 228, 3° andar, Consolação, tel. (011)256-5522, Ramal 349

A religião vira hit musical

É possível ainda presenciar a dimensão do canto gregoriano pelo Brasil

avessos à divulgação pela imprensa.

São Paulo: aos domingos, no Mosteiro da praça São Bento.

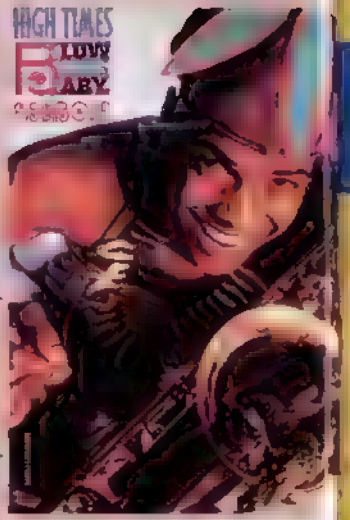
BOO-YAA VISION

IN FULL EFFECT !

VISION STREET WEAR

SÃO PAULO LONDRINA JUIZ DE FORA GOIÂNIA FRANCHISING

Alguns chapinhas bem "chapadões"



Uma espécie de *Playboy* das drogas, em especial a maconha, a publicação californiana *High Times* está comemorando vinte anos e em sua edição de julho trouxe na capa – a caráter – **Angelo Moore (Fishbone)**. Eis uma das frases do cara, seguida das de outros notáveis:

• "Você pode beber, sair dirigindo um carro e matar alguém, mas não se permite 'fumar um' indo para casa a trinta quilômetros por hora."

• "Meu tipo favorito de fumo é o do nordeste da Califórnia, grosso e grande. Eu só queimo umas 'toras'." **Kim Deal (The Breeders).**

• "O maior produto agrícola de Pernambuco deve ser a maconha: é a melhor do Brasil!" **Andreas Kisser (Sepultura).**

C. P.

Pop star com cérebro

A americana *Wired* – publicação multimídia

tambem editada em CD-ROM – dedicou sete páginas de sua edição de julho a uma entrevista com **David Byrne**. O "pop star com cerébro", como o chama a revista, discorre sobre música, o poder das mídias e o papel dos ídolos pop num admirável mundo digital. Até videogames entraram no papo: "Se eu fizesse um jogo, ele seria mais humano. A máquina trapacearia, mentiria e cometeria erros".

Deadheads em cana

Enquanto alguns americanos fazem festa com a maconha, outros acabam dançando por causa do velho LSD. A *Rolling Stone* de 14 de julho traz reportagem sobre a caçada aos malucos *Deadheads*, fãs de carteirinha do decano **Grateful Dead**, promovida pela polícia antes e durante os shows da banda. Segundo a revista, cerca de 2.000 *Deadheads* estão presos

em todo o país por porte de drogas. Há cinco anos, esse número não alcançava uma centena.

Garage house made in London

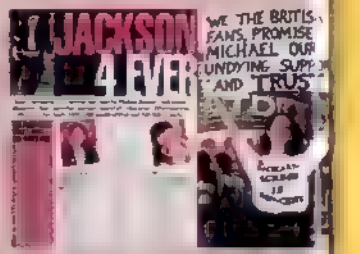
A revista inglesa *DJ* saiu

na frente e revelou em seu número de julho a nova onda da cena house londrina. "Nossos ritmos não têm um impacto tão imediato quanto os feitos com samples de velhos discos gravados em Chicago. É a mesma diferença que existe entre um antigo disco de blues e uma canção de Eric Clapton." Esse é o discurso do produtor, **Crispin J Glover**. É esperar e conferir.

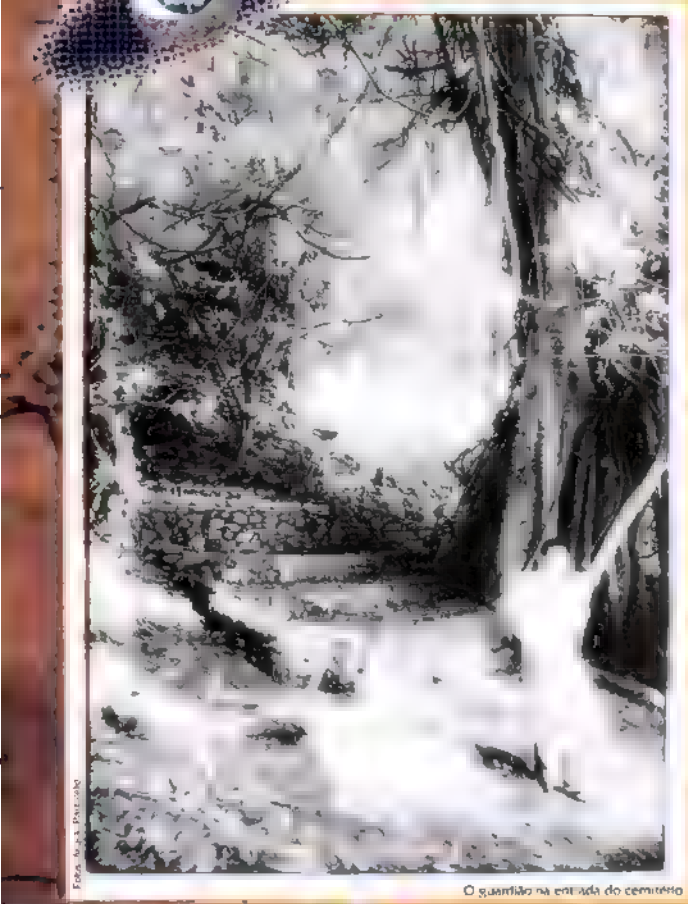
Jackson para sempre

Sob esse título, a *Smash Hits* – revista semanal britânica equivalente à brasileira *Contigo* – publicou em sua edição de julho uma reportagem sobre os fãs de **Michael Jackson** que não abandonaram seu ídolo. O conteúdo da matéria é tão "bombástico" que os editores da publicação resolveram tirar o deles da reta. "Muitas das opiniões expressas aqui não representam as da *Smash Hits*", diz uma tarja na parte inferior das páginas da matéria

Hélio Gomes



SATÉLITE



O guardião na entrada do cemitério

Foto: Ana Paixão

O cemitério da aldeia de Trunya é um dos mais antigos (dois mil anos) do mundo e faz parte do roteiro alternativo da ilha. Fica ao pé do vulcão Bathur, exatamente do outro lado do lago homônimo. A travessia de barco dura uns 15 minutos e é preciso muita barganha e em media cinco dólares para convencer o barqueiro a te levar até lá. Na entrada, você dá de cara com um guardião que cria bastante caso até você convencê-lo a entrar e pagar mais cinco dólares. É obrigatória a ida até o templo sagrado para depois ver os milhares de esqueletos espalhados pelo lugar. Alguns têm a cabeça colocada num altar de pedras e todos os corpos são depositados ao lado de árvores gigantes.

Música moderna e variantes como techno trance e dub, rolam pra valer no clube Mazzo.
Criado há treze anos e freqüentado por gente alternativa e artistas plásticos, hoje é lugar de gente comum mais interessada em se divertir do que ficar "fazendo vitrine" Funciona sete dias por semana, abre às 23h e fecha geralmente às 4h. O melhor horário para chegar é entre meia-noite e 1h30.
Rozengracht 114. Entrada: 12 florins.

Prince compra clube gay O Glam Slam é o típico *glam club*. Todo inspirado no cantor, a pista de dança é roxa e o estilo *glam* do popstar faz a moda do local, embora não a dite. Pode se vestir bem, que funciona.
Para maiores de 21 anos, fica na 333 S. Boston St.
Fone: (001- 00310) 482-6626

Melrose é muito mais que um condomínio que virou seriado de televisão. A Melrose Avenue é uma festa. São brechós transados como o gigantesco Aardwaark ou o novíssimo Wasteland, butiques de grife, lojas de discos importados (Bleecker Bob's), o principal QG de HQ's (Golden Apple) e as tribos mais diversas convivendo em vinte quarteirões de West Hollywood. Um dia só não é o suficiente para descobrir tudo.

Para encontrar Marisa Tomei e celebridades como Oliver Stone, além de tomar boa cerveja e conversar com típicos freqüentadores de bar, o lugar é o Bang Restaurant em Miami Beach. O agito começa no final da tarde e o som local é detonado com o ecletismo dançante que vai de James Brown a Eurodisco.
Fica na 1516 Washington Ave.
Fone: (305) 531-2361

Tá com frio? A temperatura média no deserto do Rajasthan, Nordeste da India (vizinho do estado do Punjab, fronteira com Paquistão), é de 50 graus à sombra. O que fazer lá? Descobrir os segredos do deserto, e boa parte das influências de *world music* que pululam na música pop mundial. O som local se divide em duas comunidades que cantam no mesmo dialeto mas possuem estilos difrentes são os Langas e os Manganiars, que no período medieval sofreram fortes influências árabes e persas. Fuçando as tribos encontra-se timbres de instrumentos ineditos como os de corda Kamaicha e o Sarangi e os percurssivos Khadtaal e o Dholak.
O Music Today (P.O BOX 29 - New Delhi - 110 001, India) exporta os títulos *Music Of Deserts* e *The Sound Of Deserts*, que resumem bem a música local. A.V.

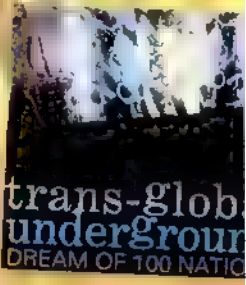
Sexo e festa É o clube Es Paradis em pleno verão espanhol. A casa tem vinte anos de vida e ainda é a melhor opção para quem vai a San Antonio. Funciona das 23h às 6h da manhã e rola absolutamente de tudo. Por volta das 5h a pista de dança é iluminada pela luz do dia e são jogados jatos d'água no salão principal criando uma imensa piscina. Depois é servido um café da manhã, e você pode continuar o seu dia na praia.
Fica na Es Paradis Terrenal, Bahia de San Antonio (perto do porto em frente ao Star Club).
Entrada: 3 mil pesetas.

O *Village Voice* é o guia alternativo e festeiro da cidade. Com ele você está feito. Sai todos os domingos e traz absolutamente tudo de interessante e jovem que tem para fazer por lá. Dos buracos que começam a esquentar àqueles que já se tornaram tradicionais.
Preço: 1 dólar

A Nation Records é a nova onda cult entre DJs, fãs de *ambient*, *dub*, *techno* e *indie* e até velhos intelectualóides *etno-friendly* de Londres. Fica num porão a Oeste da cidade e suas bandas trazem novos conceitos para fusões e *beats* de todo o globo.
Sem o preservacionismo e o cabecismo da *world music*, os *grooves* da Nation mesclam esperteza de rua *hip hop* a cantos de Bali. De rock à música libanesa. Eles querem sacudir corpos, não sonorizar saraus.
Vem recebendo vários rótulos como *global techno* e *world fusion* mas a diferença básica entre o som do selo e *world music* tradicional é a característica suja e crua, incorporada por garotos normais com influências diferentes. Ao contrário de Paul Simon, Peter Gabriel e cia, objetiva o mercado jovem, em vez do "liberal-cabeça", acima dos 40.

GUIA NATION PARA INICIANTES

Fun-Da-Mental: intensamente político. Incorpora a música clássica indiana, *hip hop* e *beats* dançáveis bem pesados.
Transglobal Underground não fala muito de política, mas só sua formação já é um manifesto anti-racista. Um ganense, um indiano e um judeu árabe que mesclam sons do Oriente Médio com batidas ocidentais pesadas como rap e house.
Loop Guru: faz uma fusão *ambient* de sons arabicos e asiáticos – ou de qualquer lugar, contanto que tenha garra. Forçando um pouco, eles são o The Orb da Nation.
Hustlers HC: Funde jazz, *hip hop* e *bhangra*. Enfoca os problemas das áreas do *East End* londrino.



ÁLBUNS: *Dream Of 100 Nations* do Transglobal Undergound; *Duniya* do Loop Guru; *Seize The Time* do Fun-Da-Mental
COLETÂNEAS: *Global Sweatbox Vol 1* (faixas da Nation remixadas por feras como Andrew Weatherall e Drum Club) & 2 e *Fuse 1 & 2*.

CONTATOS: Katherine ou Aki. 19 All Saints Road London, W11. Fax (4471) 792-2854 (segundo Katherine, "ouvimos todas as demos que chegam")

CLUBES:
Feet First - toda terça de 21h às 2h, no Camden Palace: Ia Camden Hight Street. Entrada: US$ 6
Institute Of Dubology - toda quarta das 22h às 3h, no Vox: 9 Brighton Terrace SW9. Entrada: US$ 7,50
Whirl-Y-Gig - todo sábado de 20h à 0h: 380 Old St. EC1. Entrada: aprox. US$ 10, estudantes US$ 7,5
Megatripolis - toda quinta, 20h às 3h30, na Heaven: Viliers Street, sob os arcos WC2. Entrada: US$ 9, estudantes US$ 6

CAMILO ROCHA

Bem-vindo à revolução multimídia. A tecnologia que é capaz de unir textos, sons e imagens tem o poder de transformar micro-computadores domésticos em ferramentas interativas que lhe permitem fazer loucuras como invadir a casa de Prince e até transar com as divas do cinema pornô

O maungível mundo da informática está muito mais próximo de você. Para isso, basta "envenenar" seu micro comum com kits multimídia, que incluem placa de som e *drive* de CD-ROM. Graças aos avanços da informática, empresas como Philips e Sony desenvolvem até televisores com poder de processamento igual ao de computadores sofisticados.

Assim, não está longe o dia em que, como os Jetsons, teremos uma televisão em casa que vai funcionar como canal de comunicação com o resto do mundo e como central de divertimento, informação e até mesmo de compras. OK, esse troço, batizado de TV interativa, ainda é meio futurista. Mas a multimídia existe e começa a modificar a vida de muita gente, até de roqueiros famosos.

O primeiro a entrar nessa onda foi Peter Gabriel. No final do ano passado, ele lançou o CD-ROM interativo *Xplora 1 - Peter Gabriel's Secret World*. Compatível apenas com micros Macintosh, o programa traz, entre outros, o depoimento de mais de cinquenta artistas, incluindo Brian Eno, além de uma viagem musical por vários países, mostrando grupos e sons característicos de cada região.

A parte de *Xplora 1* que melhor representa o que a multimídia pode fazer é a apresentação de todos as músicas e videoclips do álbum *Us*. Nessa hora é que fica evidenciado o que os especialistas gostam de chamar de interatividade. No caso, interagir significa que, caso você não tenha gostado do resultado final de "Digging In The Dirt", basta acionar o mouse e o teclado do computador e remixar a música da maneira que você quiser, ou se preferir, bisbilhotar a intimidade da vida do cantor. Aliás, em matéria de bisbilhotice, *Prince Interactive* é perfeito. O CD-ROM, lançado no Brasil em formato PC-IBM pela Itautec, traz quatrocentas possibilidades de ação: você entra na mansão do *popstar* com direito a esmiuçar seu guarda-roupa, colocar duas vocalistas vestidas de calcinha e sutiã, além de passear pelas imagens reais de todos os cômodos de sua casa.

O recém-lançado *Jump*, de David Bowie compatível com Macintosh, mas com previsão de lançamento de uma versão para Windows (PC-IBM) ainda este ano — tem mais de nove horas de gravação de imagens e sons do próprio Bowie. O CD-ROM permite que os usuários editem e mixem essas imagens e sons de inúmeras maneiras diferentes, criando seu próprio videoclip. Mais é possível ainda participar de uma aventura futurista, baseada na vida do irmão de Bowie.

Memória Eletrônica

A multimídia também pode ser a melhor maneira de preservar a história do rock. Pete Townshend está desenvolvendo uma versão multimídia do filme *Tommy*, que deve incluir um documentário sobre a época das operas-rock e entrevistas com vários artistas, entre eles os integrantes do Who. Mas o melhor exemplo de CD interativo que recupera parte dos anos 60 é o *A Hard Day's Night* da Voyager. O programa traz, além da versão completa do filme dos Beatles, a biografia de cada um deles, letras das músicas e cenas inéditas que acabaram sendo cortadas na edição do filme. John Lennon, solo, também já faz parte desta galeria de artistas multimídia. Até o final deste ano, a Compton's New Media e a Warner devem lançar um documentário interativo com centenas de fotos, vídeos caseiros e poemas inéditos do "besouro" mais famoso.

O Pink Floyd lança em breve o CD-ROM interativo *The Dark Side of the Moon*. U2, Billy Idol, Mötley Crüe, Devo, Aerosmith e Tina Turner também já puseram na memória de seus micros projetos interativos. Jimi Hendrix, The Doors, Buddy Holly e Elvis Presley são os próximos alvos para os desenvolvedores de *softwares*.

Sacanagem Interativa

Mas a tecnologia interativa não atua apenas na área musical. O universo de títulos em CD-ROM é infinito e vai muito além do imaginário. De enciclopédias a aplicações profissionais, passando pelo cinema, até a coqueluche do momento: as versões dos filmes pornôs. A interação nessa área já permite que você possa "entrar" nas cenas e participar das transas fazendo o que quiser com o seu parceiro virtual. Já imaginou se você tivesse que entrar numa casa, onde em cada sala estivesse acontecendo um tipo diferente de orgia sexual e o seu objetivo fosse o de achar aquela que correspondesse exatamente à sua fantasia mais secreta?

Acredite, isso não é um sonho. É o *The Dream Machine* (para Macintosh e PC), que em imagens reais, incluindo cenas da pocranca brasileira Elle Rio, é uma verdadeira vitrine de gostos e de posições. *Hidden Obsessions* e *Night Trips*, com a estrela Tori Welles, estão também no *Top Ten* da pornografia interativa. Quem não quiser "jogar" com sexo explícito pode optar por *L.A. Stripper*, que mostra "apenas" o *strip tease* de louras, morenas, ruivas ... tudo ao som do bom e velho rock n'roll. A linha de eróticos tem ainda centenas de títulos com as suas atrizes favoritas e são extremamente fáceis de achar nas locadoras brazucas.

Sônia Alves

PARA FICAR LIGADO

Equipamentos

• A Compaq, IBM, Apple e Monydata, oferecem computadores prontos para a multimídia. Os preços dependem da configuração que você escolher, mas estão na faixa dos 2.500 e 3.000 dólares. Podem ser encontrados em qualquer boa loja de informática.

• Para "envenenar" seu micro, existem pelo menos cinco boas marcas de kits multimídia: a Creative Labs, Media Vision, Aztech, Sound Vision e Sony. Todos com placa de som, *drive* de CD-ROM, caixas acústicas e microfone, além de softwares multimídia e cabos de conexão. Os preços variam entre 450 e 2.000 dólares e podem ser encontrados nas principais lojas de informática.

• Para som estéreo é necessário uma placa de som de 16 bits. Para mais velocidade na transferência de dados, é necessário um *drive* de CD-ROM do tipo *double speed*.

Títulos e locadoras

• Alguns títulos são mais difíceis de encontrar por aqui, mas é possível encomendá-los junto aos fabricantes e trazê-los para o Brasil, pagando taxas normais de importação. Eis alguns deles:

Xplora 1: custa 60 dólares na Interplay Productions, 17922 Fitch Ave., Irvine CA 92714/ Fone: 001-714-533-6655. e fax 001-714-252-2820

Jump: custa 50 dólares, na Lon/Fone: 001-310-312-8060

Dream Machine: custa 69 dólares na New Machine Publishing/Fone: 011-310-453-5068/ Fax 0 1 310 453 6513

L.A. Stripper.: custa 69 dólares na PC Computer/ Fone 011-310-943-9878/Fax. 011 3 0947 1131

• Em São Paulo, duas lojas oferecem a vantagem de ter mais de cem títulos em CD-ROM entre musicais, educativos, games e pornôs. Todos podem ser alugados por 48 horas. Se gostar, leva. Se não, paga a locação que custa cerca de três reais. Eles também aceitam encomendas pelo correio.

Espaço Award: Al. dos Arapanés, 2029/ Fone: (011) 533-5293.

Computer Place: R. Clodomiro Amazonas, 556/ Fone. (011) 820-2851

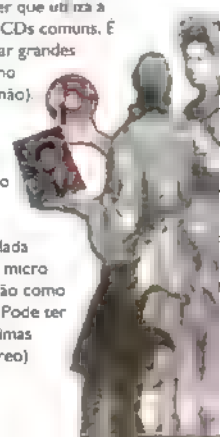
Aurélio

Entendendo a multimídia

CD-ROM (Compact Disc Read-Only Memory) • Disco a laser que utiliza a mesma tecnologia dos CDs comuns. É utilizado para armazenar grandes volumes de dados, como imagens (animadas ou não), sons e textos.

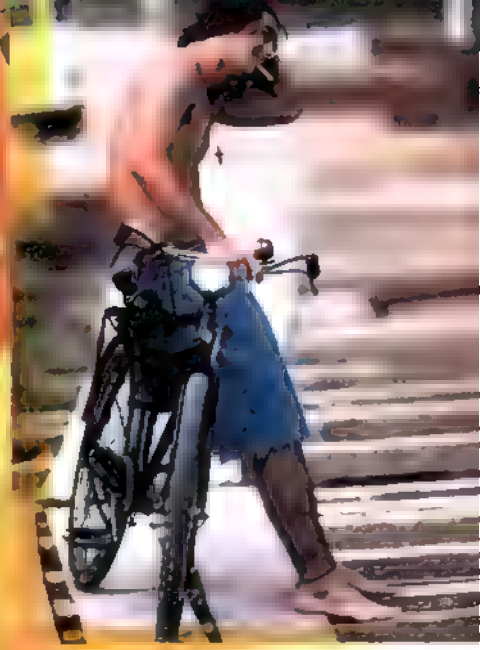
Drive de CD-ROM • Equipamento que "lê" o CD-ROM.

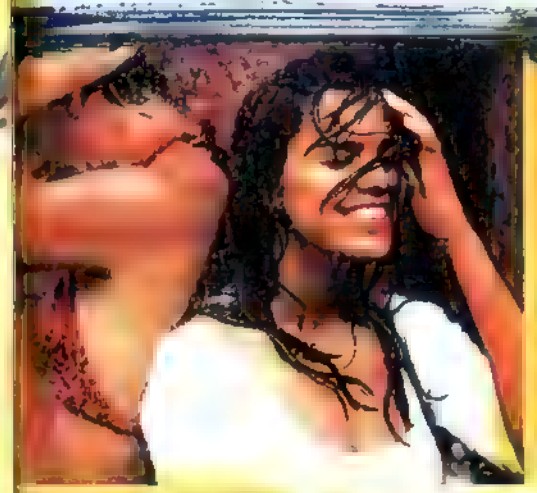
Placa de Som - Instalada dentro do gabinete do micro permite tanto a gravação como a reprodução de som. Pode ter 8, 16 ou 32 bits (as últimas reproduzem som estéreo).



O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR É PREJUDICIAL À SAÚDE.

CADA UMA NA SUA



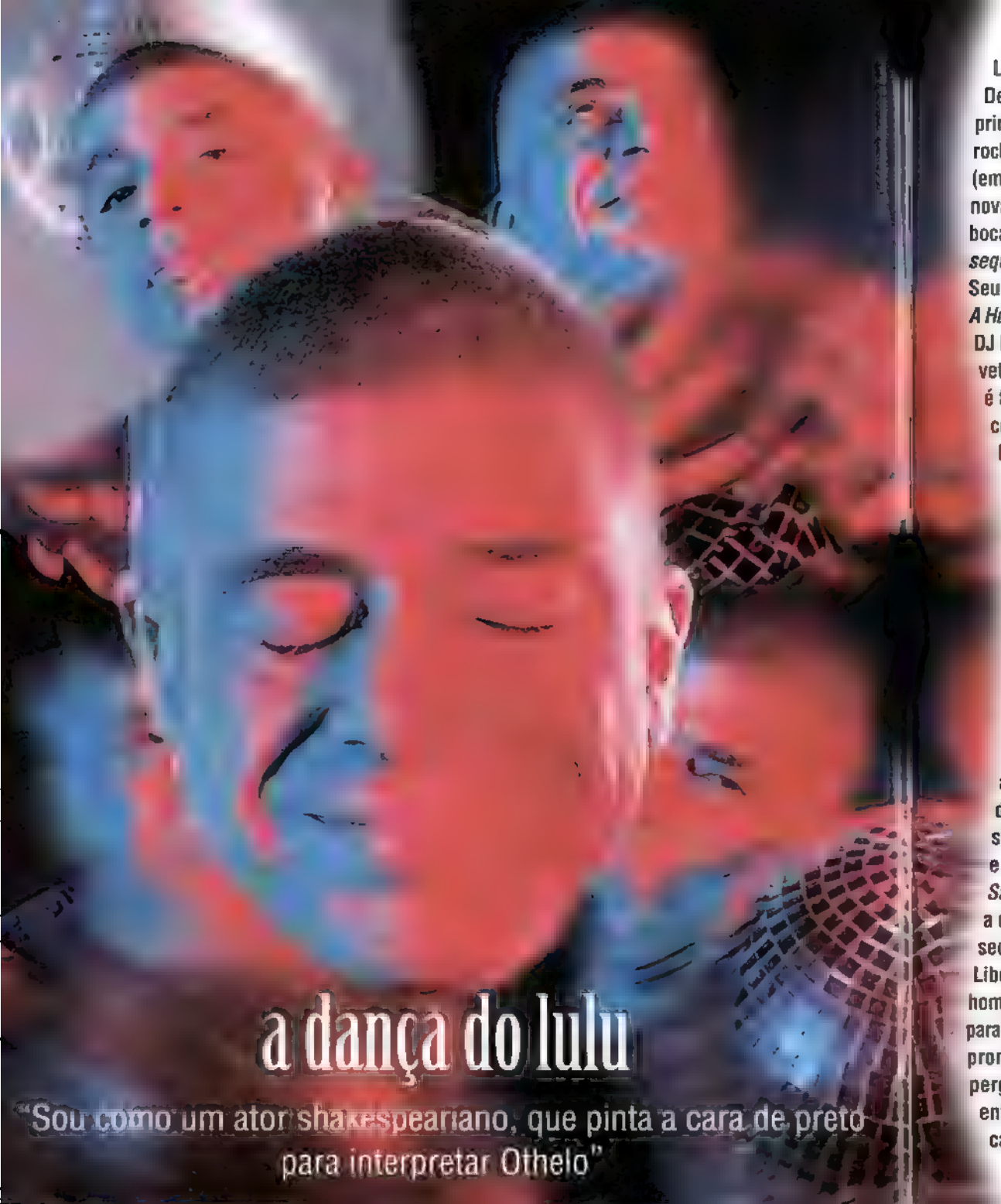


Mas com alguma coisa em comum.

Baixos Teores.

FREE

Questão de Bom Senso.



a dança do lulu

"Sou como um ator shakespeariano, que pinta a cara de preto para interpretar Othelo"

Lulu Santos mudou de novo. Deixou o *popsambalanço*, a primeira tentativa de misturar rock com ritmos brasileiros (embora rejeite o rótulo de pai da nova geração pop), para cair de boca nos *samplers* e nos *sequencers*. Lulu agora é dance. Seu novo disco, *Assim Caminha A Humanidade*, foi produzido pelo DJ Memê e arranjado pelo veterano Lincoln Olivetti. O show é feito basicamente de remixes, como a fusão da sua "Tempos Modernos" com "Fulgás" , da Marina. Lulu anda orgulhoso da versão eletrônica de "Se Você Pensa" de Roberto Carlos, preparada para o *songbook* do cantor, fruto de seu projeto paralelo, *Mameloucos*, mais uma tentativa dance ao lado de Memê. Além da mutação musical, aos 41 anos, parece ter mudado seus conceitos e opiniões: diz se arrepender de algumas das suas polêmicas declarações, faz um *mea culpa* sobre o episódio Collor/caipiras e até se apresentou no programa *Sabadão Sertanejo*, com direito a uma tremenda rasgação de seda com o apresentador Gugu Liberato. A BIZZ convocou seu homem no Rio, Cláudio Campos, para ficar *tête-à-tête* com a fera, e promoveu uma bateria de perguntas na tentativa de entender melhor esse eterno camaleão da música brasileira.

Você esta inteirado nas tendencias e facções da dance music atual para fazer um trabalho no estilo? O que você ouve realmente? *(Camilo Rocha, BIZZ)*

Não sou nem pretendo ser um *expert* em dance music. Com certeza o DJ Meme e Não fiz e nem teria sentido fazer um disco de dance music. Faço minha música e utilizo elementos que me apetecem, rock, funk pop sambalanço, disco, forrógode

Quais são suas dúvidas em relação ao seu trabalho. Por que é tão difícil definir um estilo? *(Jean Yves de Neufville Estadão)*

Muitas vezes fico completamente enjoado do que fiz anteriormente e começo a me deslocar para uma área qualquer que minha libido artística esteja farejando. Fico aí até este interesse ser saciado. Por outro lado, este é meu décimo segundo disco, teria sido aflitivo ficar me repetindo. Admito que é preciso pescoço para ficar seguindo meu ziguezague, apenas creia que o que me move é curiosidade

Como você, que tem essa coisa tão forte da canção, incorpora dentro do seu trabalho o hip hop? Não é paradoxal? *(Roberto Frejat, líder do Barão Vermelho)*

Oi, "bró"! É como eu digo, adoro um paradoxo! Ou como diz Sam Shepard: "Right in the middle of a contradition that's the place to be" ("Bem no centro de uma contradição, é o lugar de se ficar")

Você disse no final dos anos 80 que música eletrônica se resumia apenas em apertar botões. Ainda continua pensando assim? *(DJ Hum, rapper)*

Eu disse isso aí? Será? Acho estranho. Meu disco de 89, *Popsambalanço*, não sei se você conhece, tem quatro faixas seqüenciadas. A faixa "Condição", do disco *Lulu* (86), não sei se você já ouviu, tem bateria seqüenciada, loops, hits industriais e um dos primeiros esboços de rap em MpopB. Por outro lado, eu, particularmente (e não poderia deixar de ser de outra forma) adoro mexer em botões

Há boatos que os Paralamas não quiseram se apresentar no Rio na mesma semana que você, para não dividir o público. A geração roqueira dos anos 80 está cada vez mais perdendo mercado? *(Pedro So, O Dia)*

No Brasil desses dias, até arroz está perdendo mercado, por outro lado, mesmo em "Nunorque", dificilmente dois artistas de estatura competitiva em termos de público marcam espetáculos na mesma data.

Das novas banda de rock, quais você mais gosta? *(Nelson Motta, Globosat)*

Neldas, te vi no programa ontem, pela primeira vez. O Francis realmente é impagável. Como é que está o covil da "Park Avenue" ("*park*", *como "parco", referindo-se a Park Avenue, em Nova York*)? Então, sobre rock, não é? Não estou exatamente antenado para este lado, mas do que me tem chegado parece que Os Raimundos são bacanas

Você pretende seguir a carreira musical? *(Luis Antonio Giron, Folha de S. Paulo)*

Enquanto a alegria e a satisfação forem maiores do que a aporrinhação, e a grana melhor do que um salário.

Qual a diferença básica entre a música feita no Rio de Janeiro e a de outros Estados? *(Fernanda Abreu, cantora)*

Fernandinha, o que uma garota como você está fazendo num lugar destes? Acho que a diferença é étnica mesmo. Já imaginou um grupo carioca com os nomes Gessinger, Licks e Maltz! Como diz Ronald Biggs: "é roim"!

Lembra de quantas pessoas você já falou mal? Às vezes não lhe parece antiético? *(Robert Haifoun, BIZZ)*

Talvez tenha falado mal de tantos quantos falaram mal de mim. É difícil o exercício da vida pública, todas as vezes que posteriormente percebi algum desvio ético que não fosse fruto de má intenção editorial, procurei corrigir-me também publicamente. Muitas vezes lamentei minha própria ingenuidade ao cair na esparrela da opinião pública

Por que você não assume as declarações que dá? *(André Forastieri, General, referindo-se à carta que Lulu mandou a Folha de S. Paulo, desmentindo as declarações que havia dado a ele)*

A idéia de que eu seja encrenqueiro é uma imputação de um tipo de imprensa que não é séria e é minoritária. Sustento o que disse até perceber que poderia ter estado errado. Não tenho pudor de mudar de opinião, quando isto se faz necessário. Parafraseando José Sumão, "quem fica parado é poste. *Rá-rá-rá*"

Você atacou os sertanejos por fazerem a trilha sonora de um governo corrupto, e terem se apresentado na casa da Dinda. Agora você é visto tocando na casa de uma das cabeças da operação Uruguai. E aí? *(Sergio Martins, BIZZ)*

Uma festa para qual fui contratado e pago, é diferente de uma adesão pública em um programa de TV sábado no horário nobre. Não peço atestado ideológico com quem faço negócios. Imagina se os médicos o fizessem

procurando encrenca

O L7 arrasou no Hollywood Rock de 93, fez um dos melhores discos da década - *Bricks Are Heavy* - e acabou embarcando em um mundo de drogas e marasmo. Mas um disco novo e a participação no filme de John Waters promete trazer as meninas de volta à estrada. Quem conta a boa nova é a baixista Jennifer Finch, em uma entrevista exclusiva à Anamaria Lemos de Londres.

A ultima vez que conversei com Jennifer Finch, seus cabelos estavam longos e vermelhos e a sua banda – L7 – iria lançar sobre o mundo do rock n'roll um míssil chamado *Bricks Are Heavy*. Desde então, graças ao hit "Pretend We're Dead", comportamento controverso (como tocarem peladas, mostrar a bunda nos shows etc.) e turnês intermináveis, muita coisa aconteceu. O sucesso mudou sua vida? A baixista, hoje em dia de cabelos curtos e aloirados, pensa bastante antes de me responder: "Acontece que você acaba criando uma personalidade publica, menos vulnerável. As vezes é difícil vestir a máscara, mas ela é necessária."

Depois de anos na estrada, Donita Sparks passou meses deitada na cama tomando drogas.

O L7 faz poses de mau: Dee Plakas, Suzi Gardner (à esq.), Jennifer Finch e Donita Sparks

Enquanto isso, Jennifer Finch ficava compondo músicas de um acorde sobre o seu cachorro

Brasil: a Ilha da Fantasia

O momento mais surreal ocorreu durante a passagem do grupo pelo Brasil. Os shows do L7 foram considerados como os melhores do Hollywood Rock de 93 e a guitarrista Suzi Gardner recebeu o título de "mais sexy" de todo o festival. "Sabe aquele seriado de TV *A Ilha da Fantasia*? Nossa estada no Brasil foi algo assim: realizamos o nosso sonho de virarmos superestrelas! E nós ainda não conseguimos tirar os olhos dos *derrieres* dos nossos guarda-costas, ha-ha-ha."

Agora elas se preparam para a maratona que vira com *Hungry For Stink* – título do novo disco delas cuja tradução mais próxima seria "procurando encrenca". A trajetória até aqui não foi nada suave. Depois de percorrer todo o globo com bandas como Nirvana e Faith No More, Jennifer, a vocalista Donita Sparks, a baterista Dee Plakas e a guitarrista Suzi Gardner voltaram para Los Angeles para curtirem um merecido descanso.

Donita virou uma espécie de Brian Wilson (o cabeça *junkie* dos Beach Boys): não saiu de sua cama durante meses e tomou todas as drogas possíveis e imagináveis. Só voltou ao mundo dos seres vivos para colaborar com Joan Jett em seu novo disco, juntamente com Kat Bjelland (Babes In Toyland).

A música é brilhante", diz Jennifer "mas Donita achou estranho trabalhar com um produtor *(Kenny Laguna)* que supervisionava tudo". Enquanto isso, Jennifer tentava compor: "Foi tão difícil. Às vezes acabava escrevendo músicas de um acorde, sobre o meu cachorro!"

A banda também se manteve ativa com a *Rock For Choice*, organização fundada pela baixista para combater os militantes anti-aborto nos Estados Unidos. O *Rock For Choice* ainda tem em suas fileiras gente como Kate Pierson (vocalista dos B-52's) e Kim Deal, líder das Breeders.

Inspiração voltou com o cinema

Mas o grande acontecimento foi a participação em *Serial Mom*, o novo filme de John Waters, fã confesso da banda e de outros *rockstars*. A fita conta a história de uma mãe, interpretada por Kathleen Turner, que trucida todos os que molestam os seus filhos. "É uma comédia típica dele, sobre a obsessão americana com *serial killers*", diz Jennifer. "Fazemos uma banda chamada Camel Lips. As roupas que nós usamos causaram um verdadeiro alvoroço em certa parte da nossa anatomia. Assista e você verá!"

Agora, o disco. Quem gostou de *Bricks Are Heavy* vai adorar *Hungry For Stink*: produzido por Garth Richardson (cujo currículo inclui Rage Against The Machine e The Melvins), o disco é uma volta aos *riffs* pesados, com vocais que vão do preguiçoso ao furioso e a sensação de que as quatro mulheres estão adorando cada minuto. Entre as melhores faixas está "Shirley", uma homenagem à campeã de *drag racing* dos anos 70, uma mulher num mundo predominantemente masculino. "Com os jornalistas é sempre a mesma atitude", reclama Jennifer, "somos tratadas não como algo único, mas como uma exceção". No disco, um repórter pergunta a Shirley: "... o que uma mulher bonita como você está fazendo numa corrida dessas?" A resposta, como o L7, é simples e direta: "Ganhando!"

JUNTOS COMO UM SÓ

A princípio não existem muitas semelhanças entre Nelson Mandela e o cantor Lucky Dube, a não ser que ambos são sul-africanos. Mas cada um, a seu modo, está lutando por algo que muita gente julga impossível acontecer na África do Sul: a convivência pacífica entre brancos e negros

Mandela vem se firmando como um dos líderes negros mais carismáticos do século, ao lado de Martin Luther King e Malcom X. Filho de um rei da dinastia xhosa (pronuncia-se cósa), advogado e ativista político, ficou preso durante 27 anos (de 63 a 90). Sua luta contra o *apartheid* chamou a atenção de gente como Peter Gabriel e Simple Minds. Solto em 11 de fevereiro de 90, Mandela lutou por um governo de unificação e acabou como o primeiro presidente negro, eleito pelo voto direto, na África do Sul.

Lucky Dube nem tinha nascido quando Mandela foi preso. Sentiu os efeitos do *apartheid* mais tarde, ao entrar na escola. "A educação dada aos negros é sempre mais deficiente", acusa o cantor. A cultura dele veio do trabalho como bibliotecário, em que também aprendeu a respeitar a filosofia rastafari, pregada por gente como Bob Marley e Peter Tosh.

Dube deixou crescer *dreadlocks* e largou uma promissora carreira de ator de cinema (o apelido "Lucky" vem de seu personagem nas telas) para denunciar os males do racismo na África do Sul.

Mandela lutou pela união entre os africanos visitando vários países do mundo e fazendo acordos com o então presidente (e hoje vice) da minoria branca, Frederick De Klerk. Os dois dividiram o Prêmio Nobel da Paz em 93 por terem posto um fim a 232 anos de segregação racial.

Dube dá o seu recado através de músicas – um de seus maiores sucessos é "Together As One", ou seja, "Unidos Como Um Só" –, e em suas entrevistas. "Brancos e negros se dão bem há muito tempo. Eu os vi trabalhar juntos sem se importar com o *apartheid*", diz ele. Então o que os faz brigar? "O governo separava as pessoas."

Foto Divulgação

ESSA (NÃO) É PRA TOCAR NO RÁDIO

Também não era fácil ser negro e músico na África do Sul. Miriam Makeba – uma das maiores vozes anti-*apartheid* –, teve seus discos banidos do país devido às suas posições políticas. Dube suou a camisa para ser aceito pelas rádios brancas. Motivos não faltaram: os discos do cantor levam títulos como *Slave* ("escravo") e *Prisioner* ("prisioneiro"). E – heresia das heresias! –, Dube cantava reggae, ritmo considerado "subversivo" para muitos sul-africanos. "Eles achavam que o reggae fala muito de política e luta dos negros. Isso deixaria o povo mais consciente", conta. A solução foi "maquiar" suas letras. "Quando eu falava 'um homem não voltou para casa', queria denunciar algum tipo de repressão policial", diz. "E o povo entendia a mensagem." Excursões pelo país requeriam sempre um pouco de fibra. "A polícia me parava a todo momento nas estradas", conta. "Era aquele velho preconceito contra os músicos de reggae, sempre vistos como drogados, que acontece em todo o mundo."

O FUTURO

Lucky Dube acredita que, com a eleição de Nelson Mandela, a África do Sul está próxima de uma solução. "Mandela entende dos problemas do povo: conviveu com eles durante todos esses anos Esperamos que ele cumpra o que prometeu", diz o cantor, que garante ter votado no líder negro. Mesmo com todas as mudanças, Dube não pensa em parar com o objetivo principal de suas letras: denunciar as coisas ruins que acontecem no país. O álbum mais recente do cantor, *Victims* (lançado aqui pela gravadora Sony) alerta sobre o perigo das drogas na música "Johnny". "O consumo de cocaína entre os negros é uma realidade".

Nelson Mandela, o filho de um [illegible] na luta contra o apartheid

revela, sem conter a tristeza

Dube acha que chegou a hora de levar sua mensagem para outros continentes. O *rastaman* se apresentou em 91 no *Reggae Sunsplash Festival*, o maior do gênero, que acontece na Jamaica. O saldo foi positivo: seu reggae proporcionou o primeiro bis de toda a história do festival. Atualmente o cantor excursiona pelos Estados Unidos ao lado de Peter Gabriel. Arrested Development e outros artistas na excursão do *WOMAD* (um festival de *world music* organizado por Gabriel). Mas o sul-africano quer ir ainda mais longe: promete desembarcar no Brasil para alguns shows ainda este ano.

Sérgio Martins

O QUE ERA O APARTHEID

O *apartheid* foi oficializado na Constituição da África do Sul em 48, com a tomada do poder pelo Partido Nacional. A lei dizia, entre outras coisas, que os negros não tinham direito a voto ou concorrer a cargos políticos. Devido à *Lei da Terra*, outro absurdo do *apartheid*, cerca de 87% das terras do país foram entregues à minoria branca. Os negros, que formam 75% da população, foram confinados em guetos, na sua maioria com terras improdutivas. Eram vítimas da violência (um garoto de 13 anos morreu a tiros nas mãos dos policiais) e tinham que obter passes para viajar pelo país – a não ser que estivessem trabalhando. *A Lei do Apartheid* foi revogada em 91

O RACISMO EM VÍDEO

Assassinato Sob Custódia
(A Dry White Season, EUA, 89) Direção: Euzhan Palcy. Com Donald Sutherland, Susan Sarandon, Marlon Brando. CIC.
Sincero mas pouco profundo drama sobre professor branco que enfrenta problemas na África do Sul logo após o assassinato de seu jardineiro negro pela polícia, durante a chacina de Soweto

Bophal – À Flor Da Pele
(Bophal, EUA, 93) Direção: Morgan Freeman. Com Danny Glover, Malcolm McDowell, Alfre Woodard. CIC.
Glover (trilogia *Máquina Mortífera*) é um policial negro pouco preocupado com a segregação racial até ocorrer uma radical intervenção federal. Tentara solucionar o impasse com a ajuda de seu filho militante.

Um Grito De Liberdade
(Cry Freedom, Inglaterra, 87) Direção: Richard Attenborough. Com Kevin Kline, Denzel Washington.
CIC.
Denzel Washington (*Malcolm X*) interpreta Steve Biko, jovem líder negro que luta contra o *apartheid*. Sua história é vista pela ótica de um jornalista branco, Donald Woods (Kline). Há o famoso tema musical de Peter Gabriel.

Um Mundo À Parte
(A World Apart, Inglaterra, 88) Direção: Chris Menges. Com Barbara Hershey, Jodhi May, Tim Roth. Vic Home Video.
O fotógrafo de *A Missão* estréia como diretor com a tocante e humana história sobre jornalista branca que, em 63, é presa por sua luta contra a segregação.

O Poder De Um Jovem
(The Power Of One, EUA/França/Alemanha, 92) Direção: John G. Avildsen. Com Stephen Dorff, Morgan Freeman, Armin Mueller-Stahl, John Gielgud. Warner
Nos anos 30, jovem boxeador, filho de ingleses, convive harmonicamente com os negros e acompanha o processo político que levaria ao *apartheid* na África do Sul.

Sarafina!
(Sarafina! Africa do Sul, 92) Direção: Darrell (James) Roodt. Com Whoopi Goldberg, Miriam Makeba. Warner
Apesar das boas intenções, este musical é muito chato. Acompanha o processo de consciência política de uma estudante negra. O que vale são as pontas meio "guru" da atriz Whoopi e da veterana cantora Makeba.

Christian Petermann

Miriam Makeba luta contra o racismo desde 58

OUTROS "SUBVERSIVOS"

Miriam Makeba Nascida em Johanesburgo, África do Sul, é uma das maiores vozes contra o *apartheid* – fez um filme sobre o assunto, chamado *Come Back Africa*, em 58. Foi a primeira *superstar* daquele país, tendo cantado no Brasil (onde é famosa pela música "Pata Pata") e até na festa de aniversário do presidente americano John Kennedy. Seus discos estavam proibidos de serem lançados na África do Sul. Seu único lançamento no Brasil foi *Sangoma* (88), um belíssimo apanhado de cantos africanos.

Johnny Clegg Nascido em Rochdale, na Inglaterra, se mudou aos seis anos para Johanesburgo. Preocupado em manter a cultura do povo local, principalmente os de cultura zulu, Clegg montou o Juluka e, anos depois, o Savuka (que em dialeto significa "nós estamos acordados"). A música "Asimnonanga" reclamava da prisão de Nelson Mandela e foi proibida de ser executada nas rádios da África do Sul. Seu disco mais recente é *Heat, Dust And Bones*, disponível no Brasil

Ladysmith Black Mambazo O grupo vocal foi formado em 65. Cantam em zulu, Sotho (dialetos africanos) e algumas vezes em inglês. Suas letras têm temas religiosos e preocupações do dia-a-dia. "Descobertos" por Paul Simon no disco *Graceland* (86), eles estão na ativa até hoje

Lesego Rapolekeng Poeta dub e ativista político, suas letras denunciam a violência sofrida pelos negros na África do Sul e fala dos problemas do dia-a-dia. Ao lado do grupo Kalahari Surfers, Lesego lançou *End Beggining*s, essencial para entender um pouco do pensamento deste poeta. Disponível no Brasil pela RéR – Cx Postal 108.435, fone: (021) 712-3714, Rio de Janeiro.

Gil Scott-Heron Nascido em Chicago e filho de um jogador de futebol jamaicano, esse músico mistura jazz com boas doses de funk e letras combatendo o racismo – "Johannesburg" é um dos maiores hinos contra o *apartheid*. O álbum *The Revolution Will Not Be Televised* foi lançado no Brasil

os meninos cresceram

O mundo pop está atônito: os BEASTIE BOYS amadureceram. O que assusta e cativa público e crítica é a constatação de que Adrock, Mike D e MCA deixaram de ser apenas três tolos meninos do Brooklyn nova-iorquino para se tornarem bem-sucedidos homens de negócio e a melhor surpresa do hip hop em 94

Os Beastie Boys são a banda mais falada do planeta. O motivo para tanto alarde é simples: o tempo passou e a atitude mudou. Os *rappers* que no passado cantavam bobagens embalados por latas e mais latas de cerveja hoje administram uma grife de roupas masculinas (a X Large), uma revista, uma produtora de vídeo e um selo *indie*. Até os nomes de guerra dos três foram revistos: Adrock virou Adam Horovitz, MCA voltou a ser Adam Yauch e Mike D, Mike Diamond.

Claro que há muito som na história. *Ill Communication*, quarto disco da banda, é o mais honesto *crossover* entre hip hop e música alternativa já feito (*leia texto na página seguinte*). Comparativamente, os Beastie Boys fazem hoje o que Guru e US3 fizeram ontem: acrescentam ao hip hop vários elementos de estilos musicais diferentes com talento e criatividade. O resultado não poderia deixar de ser o que é: genial.

Mas apesar disso – graças a Deus – os Beastie Boys não perderam o seu gosto pelo humor e pela estupidez. Para chegar a essa conclusão, basta ver o clip de "Sabotage", primeiro single de *Ill Communication*.

O clip é uma sátira àqueles seriados policiais americanos feitos nos anos 70, tipo *Columbo* ou *Starsky & Hutch*. É só imaginar os três com terno, gravata, peruca e bigode postiço dentro de uma "barca" pelas ruas de San Francisco para começar a rir. É claro que o clip é uma das produções feitas pelo "império multimídia" dos Beastie Boys, a empresa Grand Royal, sediada em Los Angeles.

homens de negócio

O prédio que serve de quartel general para os negócios do trio é um reflexo perfeito da situação que está sendo vivida pela banda. Ele abriga estúdios de gravação de áudio e vídeo, a redação da "revista de humor para homens" *Grand Royal*, uma rampa de skate e uma quadra de basquete.

Mas não pense que os Beastie Boys voltarão a prender louraças dentro de jaulas em seus shows ou cantar coisas do calibre de "Don't Sleep Til' Brooklyn", como faziam há oito anos.

Agora a banda divide sua performance ao vivo entre números de rap explícito e instrumentais, onde revelam seu talento como músicos (*veja texto sobre show no Astoria, em Londres, na página seguinte*).

Conseguirão os Beastie Boys alcançar o mesmo sucesso que um dia tiveram? Improvável. É muito difícil que a vendagem de *Ill Communication* chegue perto da alcançada por *Licensed To Ill* – primeiro álbum do grupo, lançado em 86 e recordista de vendas no gênero até o estouro de MC Hammer. Mas e daí?... O que importa é que estamos diante da melhor surpresa dos últimos tempos. Aproveite. **HÉLIO GOMES**

ILL COMMUNICATION

Grand Royal/EMI-Odeon

Ill Communication é um disco partido em dois. Como já haviam esboçado em *Paul's Boutique* (89) e *Check Your Head* (92), os Beastie Boys descobriram uma outra música.

O álbum é um verdadeiro panelão em que raps nervosos e sujos misturam-se com instrumentais *psycho jazz*. Estranho? Sim, muito estranho, mas também muito bom.

Ill Communication já nasce fundamental, um divisor de águas na carreira do trio. "Sabotage" é um hit instantâneo, enquanto que "Sure Shot" é uma pedrada típica dos grandes *rappers*. "Você não pode, você não irá e você não vai parar/ Mike D venha e dê o tiro certeiro", bom começo, não?

Na outra face da moeda há os instrumentais *pick ups* dão lugar a baixo acústico, guitarra, bateria, percussão e teclados. O resultado pode ser um semi-Miles Davis, um hardcore ou o surpreendente lamento de um violino. No final da história o que fica é a certeza de que os Beastie Boys fizeram o melhor disco de sua carreira. Que venha o próximo. *H. G.*

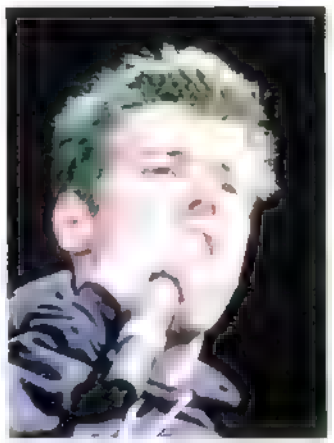
DERRETENDO INGLESES

Astoria, Londres

A cidade está no meio da semana mais quente do ano e os Beastie Boys chegaram para arrebentar de vez os termômetros: o suor escorre dos corpos presentes, a condensação pinga do teto, mas ninguém pára de dançar.

Isso porque os Beastie Boys são a banda mais empolgante dos últimos tempos. *Paul's Boutique* e *Check Your Head* passaram despercebidos, mas quem é que vai conseguir ignorar o genial *Ill Comunication*? O som vai do funk mais quente ao punk mais sujo e não deixa sobreviventes.

De microfone na mão ou atrás de seus instrumentos, quando DJ Hurricane assume (e como!) os vocais, Mike D, MCA e Adrock mostram que muita coisa mudou desde "(You Gotta Fight) For Your Right (To Party)", mas o espírito é o mesmo. *Anamaria Lemos*



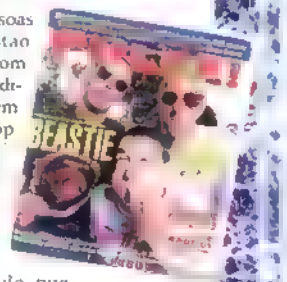
MCA soltando o verbo

MIX

O fenômeno Beastie Boys tem sido destaque em várias publicações musicais nos últimos meses. Eis aqui alguns pontos de vista do trio.

"Eu simplesmente não entendo os branquelos. Os caras gostam de coisas tão assumidamente desequilibradas. Soul Asylum, Rush, *Sports Illustrated* (revista esportiva editada nos Estados Unidos), Mike D. *Details*, junho/94

"Sinto que vou me envolver com cachorros de uma forma intensa. Quero um cachorro pequeno, legal, que caiba em meu bolso."
Adrock, *Melody Maker*, junho/94



"Muitas pessoas que não estão envolvidas com hip hop acreditam que quem faz hip hop não é músico." MCA, *Pulse!*, julho/94

"Sempre quisemos fazer mais do que música. Veja os fanzines e discos que foram lançados graças às ondas punk e hardcore. Isso não é novo." MCA, *The Face*, junho/94

"Todo mundo que tem a nossa idade é visto como um vagabundo. Todos os meus amigos estão dirigindo vídeos, comandando selos independentes ou grifes." Mike D, *Vibe*, maio/94

FÚRIA METAL.

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

O KISS volta ao Brasil. Paul Stanley, guitarrista da banda, disse que não vão faltar suas especialidades: sexo e rock'n'roll

o dr. amor chamado

Alegria! Depois de passar toda a década de 80 no mais completo ostracismo, o Kiss voltou a ser *cult* entre a galera. Lançou dois grandes discos – *Revenge* (92) e *Kiss Alive III* (93) e ganhou elogios de bandas distintas como Nirvana e Skid Row. Este ano, os ex-mascarados prepararam mais duas surpresas. Uma delas foi *Kiss My Ass*, disco em tributo aos vinte anos da banda, com Lenny Kravitz, Lemonheads, Garth Brooks, Anthrax e outros, em *covers* de seus hits. A melhor delas vem este mês, quando o Kiss fecha a versão brasileira do *Monsters Of Rock*. Em papo com a BIZZ, Paul Stanley – o "Dr. Amor" em pessoa – contou detalhes das relações amorosas deles e disse estar ansioso em rever a mulherada do Brasil, "o prato mais exótico que já comi em minha vida".

Como nasceu o projeto de fazer o disco-tributo *Kiss My Ass*?

Kiss My Ass é uma homenagem aos vinte anos do Kiss e aos membros originais da banda. Além de mim e Gene Simmons, Ace Frehley e Peter Criss ajudaram o Kiss a ser o que é hoje. E mesmo que eles já não estejam mais entre nós, sempre serão nossos amigos.

O disco também seria uma resposta aos críticos que sempre acharam a banda sem talento?

Não acho que as pessoas se importem com os críticos, a não ser eles mesmos. Para ser um crítico você não precisa ter um diploma ou algum dom especial. As pessoas na rua que devem decidir o que elas gostam. E nenhuma delas reclamou que somos péssimos músicos

A produção de *Kiss My Ass* ficou a seu cargo e ao de Gene Simmons?

Na verdade, nós apenas trabalhamos na organização do projeto. Escolhemos os grupos e dissemos para eles "toquem uma música do Kiss da maneira que vocês preferirem". E o resultado ficou maravilhoso. É uma honra saber que muitas pessoas foram influenciadas pelo Kiss, mesmo que não soem como nós

Pessoalmente, você tem preferência por alguma música?

De modo particular, eu fiquei muito tocado pelos integrantes do Rage Against The Machine, do Tool e do Faith No More fazendo sua versão de "Calling Doctor Love". E ainda com Garth Brooks em "Hard Luck Woman" e com Lenny Kravitz em "Deuce".

Pelo que vocês apresentaram em seus dois últimos discos, o Kiss está se tornando novamente uma banda importante. Você concorda? Qual sua opinião sobre o Kiss dos anos 80?

Ha períodos na vida em que você tenta fazer o melhor possível, mas o resultado não soa legal. Isso foi o que aconteceu com a gente nos anos 80. Agora acho que estamos no ponto. Quanto mais nos recordamos de nossos grandes momentos no passado, mais chegamos ao novo som do Kiss. Nosso próximo disco, que está previsto para sair em janeiro de 95, será pesado, com alguns toques psicodélicos. Algo "viajante"

A entrada do guitarrista Bruce Kulick e do baterista Eric Singer ajudaram a melhorar o astral do Kiss?

Bruce já está na banda há dez anos e temos um excelente relacionamento. Ele lembra bastante o jeito de Ace Frehley tocar, especialmente nas músicas mais antigas. Singer substitui bem Eric Carr, que morreu de câncer em 91. Além de tocar maravilhosamente bem, ele ainda canta – como em "Black Diamond", que era interpretada por Peter Criss.

Mas a entrada de Bruce Kulick deu um tempo no infindável rodízio de guitarristas do Kiss, não?

Sim, ele entrou no lugar de Mark St. John, que teve problemas de saúde. Esperamos seis meses para que Mark se recuperasse, mas ele continuava mal. Já Vinnie Vincent saiu da banda porque foi desonesto. Descobrimos que ele aproveitava o nome do Kiss para vender coisas para os fãs. Isso é uma coisa que nunca admitimos.

Vocês sempre tiveram fama de grandes amantes. Qual a sua relação com as mulheres?

Bem, eu não costumo falar muito da minha vida amorosa, mas não é segredo para ninguém que adoramos mulheres. O que eu posso dizer é que algumas de nossas fãs querem transar com a gente, outras gostam apenas de ficar do nosso lado. E nós procuramos satisfazer a todas.

Ozzy Osbourne disse certa vez que nunca mais iria excursionar com vocês porque quando o Black Sabbath viajou com o Kiss ele tinha de se contentar com as mulheres que sobravam das suas farras. Isso é verdade?

Sim! Foi uma das razões que o fez sair do Black Sabbath. Ozzy percebeu que nós fazíamos mais sucesso no palco e com as mulheres também. Mas somos amigos até hoje, sem problemas.

O grupo, quando de sua vinda ao Brasil em 83: Gene Simmons, Vinnie Vincent, Eric Carr e Paul Stanley

Gene Simmons fez alguns trabalhos para o cinema, como em *Runaway* – ao lado de Tom Selleck. Há alguma possibilidade de nós vermos Paul Stanley atuar nas telas?

Não há tempo suficiente para isso. Eu acho que, se você se preocupa em fazer várias coisas ao mesmo tempo, acaba não fazendo nada direito.

E o que significa aquele *Paul Stanley Workout* que aparece em alguns clips?

Aquilo foi uma gozação. Para ser sincero, minha ginástica não é algo que eu mostre na TV. Eu mando as alunas tirarem a roupa logo no primeiro exercício.

Vocês estiveram tocando no Brasil em 83. Qual a sua opinião das mulheres brasileiras?

As brasileiras são belíssimas e apaixonadas. No Rio de Janeiro nós íamos para a praia e meu Deus! Havia mulheres lindas e de biquínis em todos os cantos. E você sabe, há coisas melhores para se ver nas praias do Rio que areia e mar.

Já que você está vindo ao Brasil, que tal mandar uma mensagem para as mulheres daqui?

Acho que vocês são o prato mais exótico e delicioso que eu já provei em toda a minha vida!

Sergio Martins

Historinhas secretas do Kiss

A bateria das músicas de *Unmasked*, um dos discos mais fracos do Kiss, foi tocada por Anton Fig. O músico, que também batucou no disco solo de Ace Frehley, foi chamado às pressas para substituir Peter Criss – na época com um pé fora do Kiss devido a problemas pessoais.

A amizade de Gene Simmons e Paul Stanley com os antigos integrantes da banda não é tão boa quanto parece. Peter Criss está sofrendo um processo por voltar a usar a maquiagem de gato em seu disco-solo. Quanto a Ace, o *lead guitar* não permitiu o uso da imagem do homem espacial na capa de *Kiss My Ass*.

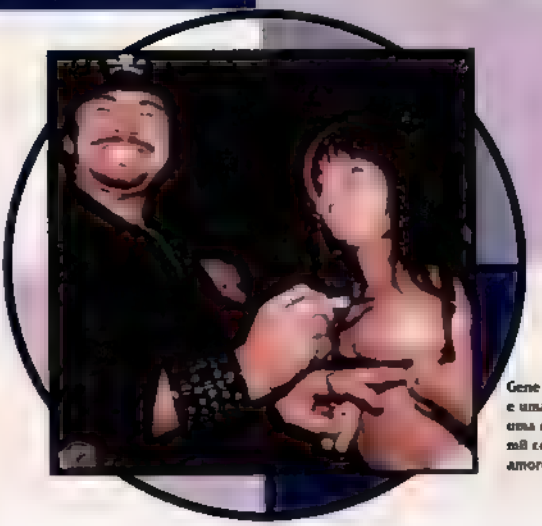
A nova formação do Kiss, sem máscara mas com rock pesado de sobra: Bruce Kulick, Eric Singer, Gene Simmons e Paul Stanley

Entre as fãs do Kiss, há uma chamada "the crusher", ou seja, "a esmagadora". O maior talento dela é esmigalhar uma lata de cerveja com os seios. "É uma maneira criativa de se abrir uma cerveja", confessa Paul Stanley.

Gene Simmons se orgulha de ter comido mais de 50 mil mulheres em toda a sua vida. Para cada uma delas, o linguarudo tira uma foto da fãzoca pelada ou pega a calcinha dela como lembrança.

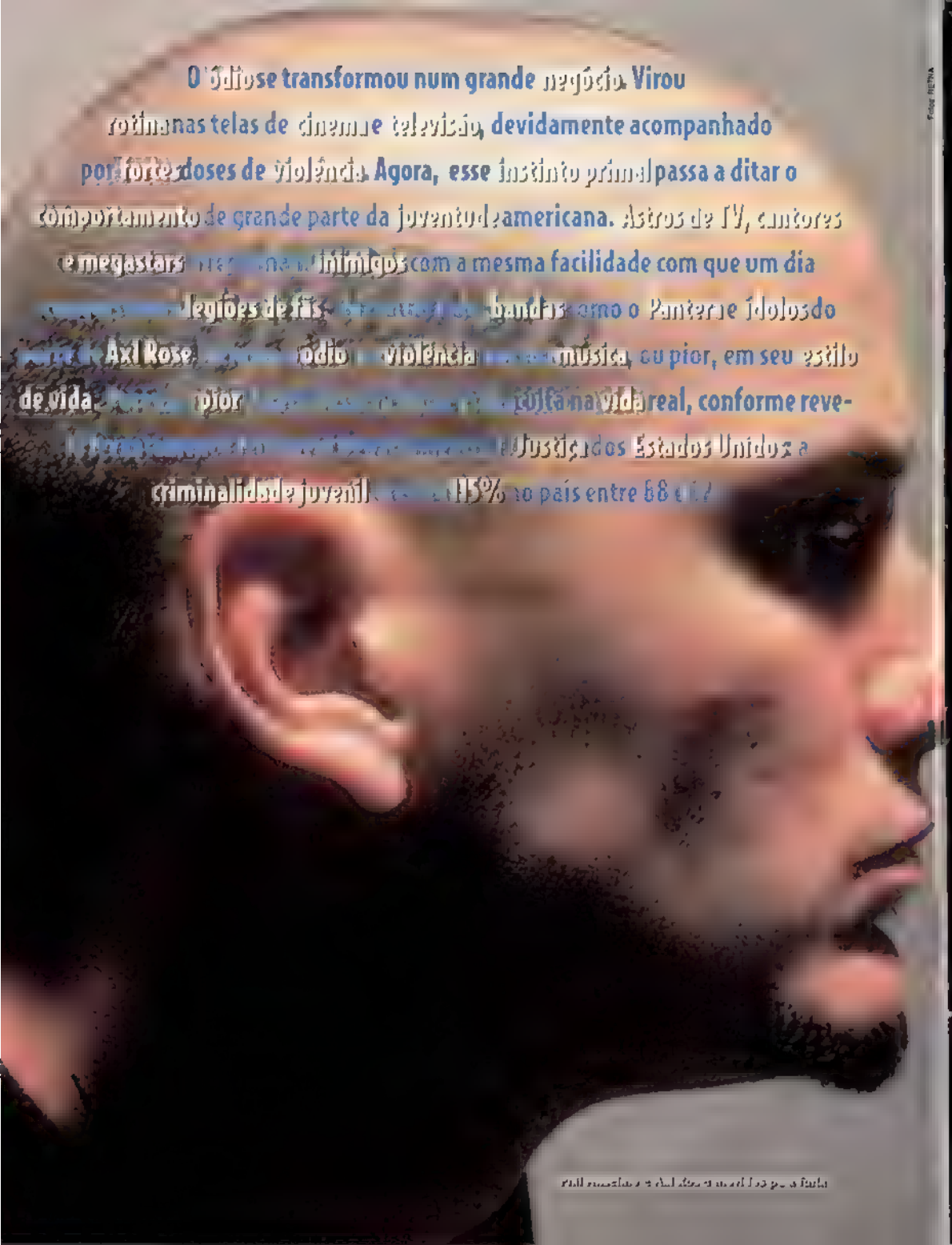
O sucesso de "Beth" até hoje é um mistério para os integrantes do Kiss. Considerada "um lixo" pela banda, a balada entrou no lado B de "Detroit Rock City" (ambas as músicas estão no disco *Destroyer*, de 76). Até que um DJ americano, por acidente, trocou o lado do disco e deu no que deu: "Beth" virou um dos hinos do Kiss.

Depois do Kiss, o guitarrista Vinnie Vincent montou sua banda, chamada Vinnie Vincent Invasion. Até que a gravadora descobriu que Vinnie era uma droga, mandou o cara embora e mudou o nome do grupo para Slaughter. Recentemente Vinnie foi chamado por Gene Simmons que, sabendo que o cara andava mal de grana, pediu uma mãozinha nas composições de *Revenge*.



Gene Simmons e uma fã: seria ela uma de suas 50 mil conquistas amorosas?

O guitarrista Bob Kulick, irmão de Bruce, era uma espécie de "quebra-galho" da banda. Tocou nos primeiros álbuns do Kiss e solou nas quatro faixas inéditas de *Kiss Killers* – um disco lançado apenas na Europa, Japão e Brasil. Comenta-se que é de Bob o solo de "Makin' Love", uma das melhores músicas de *Rock 'N' Roll Over*, álbum de 77.



O ódio se transformou num grande negócio. Virou rotina nas telas de cinema e televisão, devidamente acompanhado por doses de violência. Agora, esse instinto primal passa a ditar o comportamento de grande parte da juventude americana. Astros de TV, cantores e megastars [illegible] inimigos com a mesma facilidade com que um dia [illegible] legiões de fãs. [illegible] bandas como o Panteras e ídolos do [illegible] Axl Rose [illegible] ódio [illegible] violência [illegible] música, ou pior, em seu estilo de vida [illegible] pior [illegible] coisa na vida real, conforme revelam [illegible] Justiça dos Estados Unidos: a criminalidade juvenil [illegible] 15% no país entre 88 e [illegible]

A CULTURA DO ÓDIO

O cabeça da banda mais furiosa do planeta

Pantera fez o disco mais irado de 94. Até aí tudo bem. O problema é que *Far Beyond Driven*, um álbum repleto de mensagens violentas e nada éticas, freqüentou o número um da parada da revista *Billboard* com a mesma naturalidade que os inofensivos *The Division Bell*, do Pink Floyd, e a trilha sonora de *O Rei Leão*, composta por Elton John para os estúdios Disney. Será que há algo errado com o público americano?

Para Vinnie Paul, baterista da banda e co-produtor de *Far Beyond Driven*, tudo vai muito bem, obrigado. O homem falou à BIZZ de Denver, uma das paradas da turnê que a banda faz pelos Estados Unidos ao lado dos brasileiros do Sepultura e o Prong.

Leia a seguir os principais trechos da entrevista, onde Paul defende os pontos de vista de Phil Anselmo, vocalista e autor das letras da banda. "Philip fala de coisas reais. Às vezes a verdade é muito feia, e as pessoas preferem não vê-la como ela é". De quebra, o batera ainda comemorou com seus fãs brasileiros a conquista do tetracampeonato de futebol. "Parabéns pela Copa do Mundo. Foi incrível!"

Como foram compostas as canções de *Far Beyond Driven*?

As músicas são feitas pelos quatro membros da banda, mas as letras são escritas por Philip Anselmo. São letras sobre experiências vividas por ele ao longo de sua vida. Elas falam de coisas reais, que acontecem todos os dias, com que o público pode se identificar.

Por que há tanto ódio e violência nas letras do disco?

Não necessariamente. Philip fala de coisas reais. Às vezes a verdade é extremamente feia, e as pessoas preferem não vê-la como ela é, encobrindo-a e transformando-a em algo não tão ruim. Nós apenas falamos daquilo que estamos vendo à nossa volta. Há muita violência e ódio no mundo hoje, é assim que são as coisas.

Como você vê o sucesso instantâneo de *Far Beyond Driven*?

Com certeza, *Far Beyond Driven* é o melhor disco da nossa carreira. Depois de *Vulgar Display Of Power* as pessoas esperavam que nosso som se tornasse comercial, mas o novo álbum é muito mais pesado, exatamente como queríamos que fosse. A marca registrada do Pantera continua exatamente a mesma. O som é igual, ele apenas acabou ficando muito mais pesado.

Vinnie sai em defesa de Phil Anselmo: "Suas letras falam de coisas que acontecem todo dia"

Você acha que os fãs do Pantera são capazes de assimilar as mensagens contidas nas canções da banda?

Completamente. Nossos fãs são os melhores do mundo, e essa turnê que estamos fazendo pelos Estados Unidos com o Sepultura e o Prong é a prova disso. Eles adoram as novas músicas da mesma forma que adoram as canções de nossos álbuns anteriores. Estamos tocando em lugares para 10, 18 mil pessoas e quase todas as noites os ingressos estão esgotados.

Há uma música em *Far Beyond Driven* que narra uma transa de Phil com a namorada de seu melhor amigo – "Good Friends And A Bottle Of Pills". Essa história é real?

Esta é uma experiência vivida por muitas pessoas. É algo capaz de acabar com amizades antigas e profundas, ou ainda causar o final de muitos casamentos. Você deve ser honesto, entende. Estamos numa festa, todo mundo está bêbado, eu quis foder alguém e sua namorada estava lá, só isso. Mas é verdade, a história aconteceu.

Segundo dados do Departamento de Justiça americano, a criminalidade juvenil subiu 115% nos Estados Unidos entre 88 e 92. Você acha que a música do Pantera e de outras bandas influenciou esse aumento em algum aspecto?

Acho que a música não tem nada a ver com isso. Cada indivíduo é responsável por seus atos. Você sempre deve decidir entre fazer o certo e o errado, e o que acontece é que algumas pessoas escolhem fazer o errado, como por exemplo matar pessoas. Nossas letras não dizem nada a respeito disso. Não nego que haja muita coisa negativa em nossa música, mas também acho que há muito de positivo nela.

HÉLIO GOMES

"Eu comi [illegible] ontem à noite. Enquanto você roncava e dormia eu fodia o seu [illegible]"
"Good Friends And A Bottle Of Pills"

"Uma maneira mais rápida para matar todos eles ia demorar muito (...) Mato aquele merda para lhe mostrar a realidade"
"Use My Third Arm"

"Eu estou ajudando a legalizar a maconha em suas ruas, e estou fazendo uma fortuna"
"Slaughtered"

Um homem chamado encrenca

Axl e Stephanie: acusações mútuas de agressão

Um menino de dois anos é molestado sexualmente por seu pai, que desaparece logo em seguida. Depois, o mesmo menino passa a ser constantemente espancado por seu padrasto, um crente fervoroso e repressor. O que fazer? A escolha de William Bailey, então com pouco mais de 20 anos, foi partir para Los Angeles e formar uma banda de rock.

O tempo passou, William transformou-se em Axl Rose e o Guns N Roses transformou-se num dos maiores fenômenos musicais da segunda metade dos anos 80.

Um bom enredo para um dramalhão mexicano? Talvez. Mas a história acima é real, e pior, seguiu em frente por vias tão tempestuosas quanto as do seu início. Axl Rose conseguiu transformar sua vida – voluntariamente ou não – numa sucessão de tumultos.

Os últimos acontecimentos dessa novela põem em risco o futuro do Guns N Roses (leia texto ao lado) e fazem de Axl um verdadeiro vilão.

A vida amorosa do astro não anda nada bem. Axl se prepara para enfrentar os tribunais americanos em dois processos por agressão, movidos por sua ex-mulher, Erin Everly (filha de Don Everly, um dos Everly Brothers), e por sua ex-namorada, Stephanie Seymour, a *top-model* que encena um casamento com Axl no clip de "November Rain".

O principal ponto em comum às duas histórias é o comportamento violento de Axl Rose em relação a suas ex-parceiras.

O relacionamento entre o vocalista e Erin – musa inspiradora de "Sweet Child O'Mine" – durou de 86 a 90. Desde o início, Axl batia na ex-modelo com a mesma intensidade e freqüência com que vivia seu romance. A última briga do casal começou a partir de uma discussão sobre a arrumação da coleção de CDs de Axl.

Ali, Erin resolveu por um ponto final em sua vida ao lado do vocalista. "Eu me virei quando estava na porta de casa e disse: 'Quero que você olhe para mim, porque você nunca mais vai me ver'. E assim foi", declarou a ex-modelo à revista *People*.

"Ela tem olhos como o céu mais azul, quando pensa na chuva / Eu odeio olhar para esses olhos e encontrar um pouco de dor"
Trecho de "Sweet Child O'Mine", música de Axl para sua ex-mulher, Erin Everly, a quem costumava espancar

Se Erin passou mais tempo ao lado de Axl, Stephanie Seymour foi a primeira a revelar o lado mais podre da personalidade do cantor. Os dois viveram juntos por três meses, até que, numa festa de natal em 1992, Axl agrediu a modelo em público.

A separação aconteceu logo depois, quando o cantor acusou Stephanie de tê-lo "chutado e socado" durante uma festa na casa do casal em Malibu. A modelo, entretanto, afirma que Axl lhe deu um tapa, um soco e depois empurrou-a escada abaixo.

As histórias relatadas acima colocam Axl Rose em xeque-mate. Haja o que houver, o que fica é a impressão de que tudo ao redor do astro está prestes a desabar. Somente o futuro dirá o que restará do maior ídolo do mundo do rock nos últimos tempos.

H.G.

"Imigrantes e bichas não fazem nenhum sentido para mim / Eles vêm para o nosso país e pensam que podem fazer o que quiserem"
Trecho da canção "One In A Million"

O que será do Guns?

Os dias de glória do Guns N Roses já se foram há tempos. De repente, as estrondosas vendagens dos álbuns da banda viraram coisa do passado. *The Spaghetti Incident*, disco de *covers* lançado no ano passado, foi recebido com total indiferença pela imprensa especializada e grande parte do público.

Para agravar ainda mais a situação, a banda manteve-se longe dos palcos depois do lançamento do disco. Não é exagero dizer que o Guns amarga um doloroso exílio, e o maior responsável por isso se chama Axl Rose.

Com as "férias" do grupo, o guitarrista Slash – até então tido como um *junky* problemático e irrecuperável – gravou seu primeiro disco solo, *SVO Snakepit*. O parceiro escolhido por Slash para a empreitada é Gilby Clarke, guitarra-base do Guns desde a saída de Izzy Stradlin. A banda de Slash ainda conta com o baterista do Guns, Matt Sorum, e o baixista do Alice In Chains – outra banda que enfrenta problemas –, Michael Inez.

O projeto solo de Slash parece ter tirado Axl do sério. O clima é tão incerto que Gilby Clark afirma não saber se continua no Guns ou não. "Desde o dia em que consegui o emprego, eu não soube se continuaria nele por uma semana, um ano, ou o tempo que fosse. Acho que o mesmo pode ser dito sobre qualquer outro integrante do grupo. Você dá confiança a Axl e ele muda sempre de idéia", declarou o guitarrista à revista *Kerrang!*.

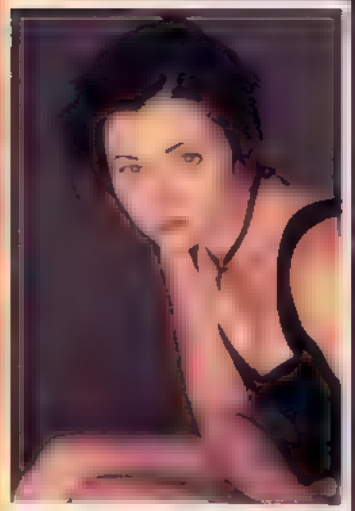
Quando o assunto é o próximo disco do Guns, Clark pega ainda mais pesado. "Não há um próximo disco do Guns N Roses. Não sei se para sempre. Pelo menos para agora. Nós começamos a trabalhar um disco, mas ele foi parar na lata de lixo", afirmou.

Rapidamente, as atitudes de Axl Rose transformam o futuro de sua banda num imenso ponto de interrogação.

Um País Em Tensão

Ice-T: em defesa do gangsta nos tribunais

Criminalidade juvenil aumenta 115% nos Estados Unidos. Rappers glorificam as armas? cresce a violência contra as mulheres. Nas bancas de jornais, revistas e fanzines ensinam a odiar ídolos



Shannon ganhou um fanzine às avessas

Uma geração censurada

Levantamento divulgado em julho pelo Departamento de Justiça americano concluiu que nos EUA os criminosos são cada vez mais jovens. E as vítimas, também.

Os números computados pela Justiça mostram que, de 1988 a 1992, os crimes praticados por jovens contra jovens estiveram em alta: os homicídios cresceram 55%. Os assaltos, 80%. Tudo exclusivamente garotada contra garotada, ninguém com mais de 19 anos. A criminalidade juvenil subiu 115% nos Estados Unidos: a garotada está se armando. E se dizimando.

Alarmados, cada Estado e cidade preparou o que acredita ser o antídoto para o mal. A maioria dos planos, no entanto, tem um ponto em comum: tirar a garotada da rua.

Toque de recolher

Em Orlando, na Flórida, foi criado um toque de recolher entre meia-noite e seis da manhã, todos os dias, num perímetro de 12 quarteirões no centro. Nova Orleans impôs um toque de recolher "do anoitecer ao amanhecer" aos menores de 16 anos.

As organizações de defesa dos direitos civis chiaram, alegando arbitrariedade. Mas pais e professores aplaudiram as medidas.

Os culpados apontados são os cortes drásticos nas verbas estaduais de recreação infanto-juvenil, disponibilidade de armas no país e facilidade em se armar – independente da idade, além das altas taxas de desemprego e dilaceração da unidade familiar.

Uma geração censurada

O fantasma da censura acusa o *gangsta rap* pela popularização da arma como símbolo de status e de poder. E os mesmos *rappers* são acusados pelo endeusamento da dialética e estética marginal e antagonização de mulheres (chamadas de "bitches", "tricks" e "hos", cadelas, michês e piranhas), num país onde a violência contra as mulheres assume proporções epidêmicas.

Ice-T será o primeiro a contrapor que o *rapper* não é mais que um "correspondente de guerra" reportando a crise urbana. Nada além de um espelho público de uma situação que já existe. Efeito, e não causa.

Um elemento, no entanto, ajuda a pôr lenha nessa fogueira polêmica: o estado de espírito de toda a geração de uma nação.

Ao contrário de gerações anteriores, nutridas por ideais de "paz e amor" e "bem comum" (anos 60), "tudo eu e só para mim" (final dos anos 70 e início dos anos 80) e "vamos dar as mãos e ajudar o mundo" (final dos anos 80 e começo dos anos 90), a geração que hoje tem de 13 a 19 anos convive com um sentimento de ódio aos outros perceptível sob diferentes aspectos.

Que morram os ídolos

Nas bancas, lado a lado com revistas e fanzines de adoração a bandas de rock, existem zines de malhação: quando a atriz Shannon Doherty, do seriado de TV *Barrados No Baile*, protagonizou baixarias nos tablóides de fofoca, ganhou fama de vaca. Ainda emplacou um fanzine só seu, mas pelo avesso, o *I Hate Brenda* (Eu Odeio Brenda, nome de seu personagem no seriado).

Evan Dando, xodó das meninhas e líder do Lemonheads, também ganhou um zine próprio logo depois de virar presença inevitável na mídia, o *Die Evan Dando Die* (Morra Evan Dando Morra). Nem Madonna escapou da onda. O livro *The I Hate Madonna Handbook* (O Manual Eu Odeio Madonna) ensina qualquer mortal a cultivar esse "nobre" sentimento em relação à megastar.

Na Califórnia gangues latinas, negras e orientais lutam pela supremacia transformando as ruas do sul do Estado numa extensão do Rio de Janeiro. Balas varrem as cidades, atingindo playgrounds e shoppings que calharam de estar no meio da linha de fogo. As gangues são formadas por jovens, em geral entre 13 e 19 anos – ou menos.

Quem é o culpado? A resposta é no plural, imagina-se: não há um algoz único nessa história, como já se falou no começo deste texto. E a solução? Enquanto persistirem as mesmas condições que alimentam o monstro, é difícil o quadro mudar, pelo menos a curto prazo e sem a intervenção totalitária que alguns vêm tentando. No entanto, espera-se que a mentalidade prevalecente mude a ponto de, ao invés de respondermos "como se conserta isso", não retruquemos com um rosnado "quem vai pagar por isso?"

José Emilio Rondeau

Incluindo os sucessos:
Expresso 2222, Aquele abraço,
Toda menina baiana
e os inéditos
Sampa, A novidade e A paz.

Gravação ao vivo do Acustico MTV. À venda em CD, LP, K7 e Home video. Lançamento Warner Music.

BIZZ orgulhosamente apresenta:

O NOVO CIRCO DO ROCK BRASILEIRO

Há um ano a BIZZ fuçava os porões da produção nacional, descobria, organizava e criava uma nova nomenclatura para a desgastada MPB: Música POP Brasileira. A mídia adotou o nome e ajudou a impulsionar os representantes dessa nova geração para um lugar de destaque nas gravadoras, rádios e até – via Chico Science e seu *mangue beat* – para trilha sonora de novela global. Num balancete geral constatamos que desde então, aproximadamente duzentas demos de novas bandas chegaram à redação e mais de cinqüenta discos (entre solos e coletâneas) foram lançados.

Aqui, reunimos alguns desses heróis e apresentamos outros que com certeza farão ainda mais essa terra balançar. O espetáculo está só começando...

Zé Ovo, 21 anos, toca baixo no rockabilly metal do LITTLE QUAIL AND THE MAD BIRDS. Aquecidos em uma turnê que cobriu dos buracos de Brasília ao extremo sul do país, e com o hit '1,2,3,4' (melhor música de 94 segundo os leitores da BIZZ) lançam em setembro seu disco de estréia, *Lirou Queiou Ên De Med Bârds*, pelo selo Banguela (Warner).

Fotos: Penna Prearo
Edição: Robert Halfoun
Direção de arte: Richard Kovàcs

Natasha, 16 anos, já foi capa da revista *Caricio*. Agora a garota encara o microfone à frente do PARTY UP. O som da banda é new wave da new wave envenenado por guitarras punks e melodias que já grudam à primeira audição. A demo Beerock está tocando bem nas rádios rock do país, e entre outras conta com a versão divertida de "You're The One That I Want", aquela mesma que Olivia Newton-John cantava no filme Grease. *Para entrar* em contato com a banda: Rua Almirante Inhaúma, 500, Lapa, São Paulo. Fone: (011) 837-9233

X, 21 anos, é o líder e o porta-voz da banda de rap OMN Nu[illegible] que

Fred, 23 anos, é o baterista dos **RAIMUNDOS**, banda que se destacou no cenário brasileiro com o forró-core. Um rótulo renegado pelos caras, mas que sintetiza com perfeição sua onda de mistura de elementos brazucas com rock'n'roll. Catapultados para doze semanas seguidas entre os vinte clips mais pedidos da MTV com "Nêga Jurema" – que também rendeu-lhes vaga nos *Video Music Awards* – em seu primeiro disco, que leva o nome da banda. Já atingiram a marca de dez mil cópias vendidas em apenas um mês nas lojas.

Fernanda, 22 anos, é do grupo mineiro **PATO FU**, e já ameaçava pular em "O Processo Da Criação Vai De 10 Até 100 mil", clip extraído do álbum *Rotomusic Liquidificapum*, que junto a "Sítio Do Pica-Pau Amarelo" é finalista no festival de cinema *Rio Cinefest 94*. Graças ao som que [illegible] a mescla [illegible] com elementos de vanguarda e [illegible] eletrônica, o disco [illegible] Gogumelo [illegible] ou levando os [illegible] do reativado selo [illegible] da BMG-Ariola. [illegible] agora o grupo se prepara para o lançamento do segundo disco, *Gol De Quem?*, que chega as lojas em outubro.

Agradecimentos: Circo Moscou, que fica na Av. Cruzeiro do Sul em São Paulo até outubro. Fone: 227-5086. | Produção de figurino: Alix com Museu da Moda e A Vida é Uma Arte

Renato Russo no Ibirapuera: um show sem "discursos", ao gosto dos saudosos fãs paulistanos

LEGIÃO URBANA (Ibirapuera, São Paulo, 16/6)

O clima era de alegria: um puta alto astral no Ibirapuera. E a explicação para isso era simples: aquele era o primeiro show da Legião Urbana em São Paulo depois de um silêncio de quatro anos – e três álbuns.

Embora a Legião tenha estado longe dos palcos desde a turnê de *As Quatro Estações* (89) – seu quarto disco –, o show foi um balanço do trabalho de mais de dez anos da irregular carreira da banda. No repertório: "Quase Sem Querer", "Há Tempos", "Pais E Filhos", "Eduardo E Monica", "Os Barcos" e outras canções do último disco, O *Descobrimento Do Brasil*, distribuídas durante duas horas.

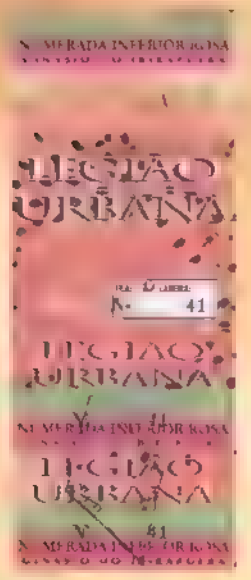
No início do show, o som estava bem ruim – especialmente na pista – e Renato Russo mostrava-se incomodado com as falhas na iluminação. Depois de quase uma hora a banda finalmente se encontrou. Renato, assim como Dado Villa Lobos, Marcelo Bonfá – o resto da Legião –, Fred Nascimento e Carlos Trilha, músicos convidados, começaram a se soltar mais. "Tempo Perdido" chegou a emocionar de verdade. Renato cantou mais da metade da música deitado sobre o palco, enrolando-se no fio do microfone, sob as palmas e os gritos de um público extasiado. Realmente bonito, poético.

O carisma do vocalista conseguiu transformar seu nervosismo indisfarçável em simpatia. Renato parecia bastante emocionado: "Eu estava superpreocupado em tocar aqui... mas vocês são maravilhosos, agora passou". Não declamou nenhum daqueles esperados e infindáveis discursos". No entanto, fez questão de deixar claro que não bebe, nem se droga mais, estabelecendo um papo sincero com seu público, uma conversa digna de velhos, fiéis companheiros.

Na platéia, gente de todos os gostos, credos, cores, idades. Desde casais de namorados até aqueles cabeludos que você, com certeza, já encontrou em qualquer show que tenha ido.

Como sempre, o mais fascinante no show da Legião foi o verdadeiro estado de catarse que se instala sobre o público. Russo vira um semideus no palco. O respeito que seus fãs têm por sua figura e sua música é quase sagrado, coisa a ser estudada.

A aparência insegura de Renato, esquecendo (ou fingindo esquecer?) trechos de músicas ou afinando o tom de sua voz, é cultuada pelo público, que ama sua poesia e venera sua delicadeza. Impressionante. Ao final do show, a banda jogou flores brancas ao público, num espetáculo ingênuo. Até parecia que algo estava errado. *INAÉ RIVERAS*



UM SHOW FAMÍLIA

Mesmo ainda do lado de fora do ginásio do Ibirapuera, dava para se perceber que a noite ia ser calma. Ninguém caindo de bebado ou vomitando pelos cantos, aquelas cenas típicas de shows.

Segundo a Unicor, que fez o atendimento médico do show, apenas três casos de excessos com bebida foram registrados, nada grave.

Com os ingressos nada acessíveis (o mais barato custava 25 mil cruzeiros reais, o que seria agora R$ 9,09), o Ibirapuera estava tranquilo, dava para dançar, circular, sentar, já que o acesso da pista para as cadeiras estava aberto.

O pessoal, inho que não vê show sem um copo na mão, e que estivesse a fim de pagar dois paus e meio numa cervejinha, encarou o bar numa boa, sem fila. A volta da Legião a São Paulo não podia ser mais família.

LOJA 1 Rua Capote Valente, 242
Pinheiros, SP/SP, Fone: (011) 280 2952
LOJA 2 Rua 24 de Maio, 62, 2º And
Lj.334, Galeria do Rock, SP/SP
Fone: (011) 222 5406

FAX (011) 881 9795 LOJA (011) 280 2952

NEW ROCK

REF T62 REF T57 REF T66 REF T53 REF T67 REF T56

REF T48 REF T43 REF T63 REF T44 REF T64 REF T42

REF T59 REF T41

REF T68 CAMISETÃO FC (T): R$ 19 Tam.: M.G REF T61 REF T40 REF T46 REF T54

REF T55 REF T65

REF T58 REF T49 REF T51 REF T45 REF T50 REF T60

REF T47

REF 411

MANGA CURTA (MC): R$ 13 Tam.: P.M.G

REF 410 REF 408 REF 412 REF 409 REF 408

REF Q08 JAQUETA JEANS (Q) R$ 45 Tam.: P.M.G COLETE JEANS (J) R$ 40 Tam.: P.M.G REF J10

REF Q09 J09 REF Q01 J01 REF Q05 J05 REF Q02 J02 REF Q06 J06 REF Q07 J07

FAX (011) 881 9795 LOJA (011) 280 2952

NEW ROCK

TOTAL DA COMPRA, R$ ...	MOD.	REF.	COR	TAM.
NOME: ...				
END ... Nº ...				
CEP: ... FONE: ...				
CIDADE: ... ESTADO: ...				
☐ ENCOMENDA SIMPLES ☐ SEDEX				

Preencha corretamente o cupom acima e envie para
New Rock - Rua Capote Valente, 242, SP/SP, 05409-000

COMO COMPRAR:

SEDEX (entrega urgente): junto ao seu pedido, envie cheque nominal à New Rock no valor total da compra. Pague as despesas postais somente ao retirar a mercadoria no correio.

ENCOMENDA SIMPLES (entrega entre 15 e 25 dias): junto ao seu pedido, envie cheque nominal à New Rock no valor total da compra mais as despesas do correio (Região Sudeste: R$ 4, e nas demais regiões: R$ 8) e receba a encomenda em casa.

IMPORTANTE! A encomenda só será enviada após a compensação do cheque e o pedido só será atendido mediante o envio do cheque nominal à New Rock

DESCONTO DE ATÉ [illegible]% PARA REVENDEDORES

LANÇAMENTOS

ARRESTED DEVELOPMENT

Cooltempo/EMI-Odeon

Zingalamaduni

A TRIBO DO RAP ENTRE ALTOS E BAIXOS

O início do álbum mais recente do Arrested Development é assustador. Infelizmente, não no bom sentido. É terrível ver como a faixa "United Minds" é parecida com "Mr. Wendal" – a melhor faixa do disco de estréia da banda que há dois anos trouxe novos campos para o rap.

Será que é só isso? Um álbum brilhante era tudo o que o grupo tinha para oferecer? Com toda a sua simpatia e boa-vontade, Speech – o líder do AD – parecia ter um pouco mais de talento do que sugere a abertura de *Zingalamaduni*.

Mas quem persevera e vai algumas faixas adiante, acaba vendo que o problema foi só na organização das músicas no CD. Lá na frente, mais escondidas e esperando para serem descobertas, estão composições que justificam todos os elogios feitos a eles, em um raro momento de unanimidade da crítica.

Isso já fica claro na quarta faixa, "United Front". O mesmo se repete com "Shell" e também com "Sunshine". O que une estas três músicas é aquela simplicidade inventada por Prince em "Kiss" e que o Arrested Development soube aproveitar tão bem: bastam duas batidas e um acompanhamentozinho para fazer um pop clássico.

De vez em quando, a banda resolve sofisticar e os resultados são surpreendentemente bons. Por exemplo, "Africa's Inside Me" e "Fountain Of Youth" ficaram tão bem delineadas com mais alguns enfeites que conseguiram até espantar a preguiça de seus temas – irmandade, união, paz... essas coisas.

Com "Praisin' U", *Zingalamaduni* termina como tinha começado: mal. Mas como o recheio é geralmente o que conta, pode se esbaldar com ele. **ZECA CAMARGO**

Ilustração: Elizabeth Tognolo

LANÇAMENTOS

coquetel pop

Lulu Santos

RCA/BMG-Ariola

Assim Caminha A Humanidade

Lulu é o maior gênio pop brasileiro desde Roberto Carlos – ou poderia ter sido. Difícil é saber quem está um passo adiante e quem está dois atrás: inteligente é o "Rei", que depois da subversiva Jovem Guarda bate ponto em seu guichê romântico, ou burro é Lulu, que insiste em tropeçar nos próprios achaques estético-ideológicos?

Neste disco, mais uma vez, a teoria derruba a prática: há as jóias pop de costume ("Tudo Igual", "Febre") e versões sacadas (Tim. BenJor e o Brasil safadinho/cordial de "Bigorrilho"). O engano fatal é a cover de "Hey, Hey, My, My" em ritmo bossa, canção que só não soa ridícula com o autor, Neil Young (porque ele – e só ele – encarna o rock'n'roll que não morre). A paródia meta-mariquinhas estoura na própria cara de Lulu, E ele merece. *Alex Antunes* ••

DAVID BYRNE

Luaka Bop/Warner

David Byrne

Ele está nu. Após examinar neuras urbanas pós-modernas e a miscigenação cultural a partir do ponto de vista anglo-saxão, Byrne despiu as suas "*personas* para o consumo do público" – visionário pop/predador cultural/líder de banda de rock – e gravou o disco mais confessional, cru e sombrio. Produzido por Arto Lindsay e Susan Rogers, com uma instrumentação esparsa, Byrne fala de vida e morte ("Crash"), da busca pelo amor ("My Love is You") e da crise de identidade ("Strange Ritual"). Aparentado com *Magic And Loss*, de Lou Reed, o álbum é um *travelogue* espiritual duro, em que ele se força a confrontar cicatrizes profundas, mas com vistas na continuação da vida. *Jose Emilio Rondeau* ••

orgulho GAY

RENATO RUSSO

EMI-Odeon

The Stonewall Celebration Concert

O líder da Legião Urbana fez aqui um dos discos mais pessoais dos últimos tempos. É um típico caso explícito de "ame-o ou deixe-o". Para além da marca militante da embalagem – o título lembra uma data do ativismo gay e o encarte vem com uma coleção de endereços de ONGs –, seu primeiro projeto solo é produto de uma paixão. Daí a grandiloqüência, o sentimento derramado, a impostação operística. O álbum se estrutura inteiro nos fantasmas particulares de Renato.

O repertório denuncia: o *cult* Nick Drake está a poucas faixas de distância de "When You Wish Upon A Star" (a canção de *Pinóquio*) E tem Stephen Soundheim, Garth Brooks, Tanita Tikaram... A única ligação entre nomes tão díspares só pode ser o ecletismo musical de Renato. Apesar de toda essa carga idiossincrática, o disco fica longe da mera curiosidade de fã e confirma Renato como um dos mais talentosos cantores do cenário pop brasileiro. *Bia Abramo* ••

Wau! Oba! Epa! Ops! Argh! CD Vinil Cassete Nacional Importado

AMOR & DOR

NICK CAVE AND THE BAD SEEDS

Mute/Warner

Let Love In

O errante contador de histórias voltou. Só que desta vez, apenas com histórias de amor É o disco mais confessional de Cave e – talvez por isso – um dos mais irônicos e amargos.

Há momentos em que ele soa como um lúgubre Hank Williams – "Do You Love Me?", em que narra o encontro com a mulher amada sob o som ameaçador dos sinos de uma igreja. Em outros, lembra Leonard Cohen (como em "Lay Me Low", na qual especula sobre a própria morte com um humor peculiar).

As canções se sucedem como os capítulos de um livro, ou mesmo de um diário. O diabo é um personagem constante, surgindo em "Loverman" e "Red Right Hand", enquanto "Thirsty Dog" é um etílico e raivoso pedido de desculpas, e "Ain't Gonna Rain Anymore" traz a bonança após uma relação tempestuosa.

Mas nem só de qualidades literárias vive o disco. Os Bad Seeds se confirmam outra vez como aquela que talvez seja a melhor banda de apoio do mundo. E ainda há participações especiais de amigos dos Beasts Of Bourbon, dos These Immortal Souls e de David McComb (ex-The Triffids). *Daniel Benevides* ••

Nick Cave: paixão com ironia em tom confessional

VÁRIOS

Warner

A Tribute To Curtis Mayfield

O *soulman* de Chicago é mais um atingido pela onda de tributos que assolam o mundo fonográfico. O disco reúne fãs do astro – como Stevie Wonder – e também alguns convidados indigestos (Phil Collins, Whitney Houston)

O resultado revela que a música produzida por Mayfield suporta qualquer regravação. Há reverências, Lenny Kravitz capricha no falsete em "Billy Jack" ; Steve Winwood faz uma releitura fiel de "It's Allright" e os Isley Brothers não mexem em "I'm So Proud

Outros tentam mudar e se dão bem. "Amem", a cargo de Elton John, ficou parecendo um musical de cabaré, enquanto os toques de jazz de Brandford Marsalis e o tom *bluesy* dado por Eric Clapton em "Fool For You" e "You Must Believe Me", respectivamente, arejam bastante este disco. *Sérgio Martins* ••

mosaico britânico

BLUR

Food/EMI-Odeon

Parklife

Nada como ser um grupo inglês amado pela crítica de toda a Europa. Essa situação coloca um grande peso nas costas dos meninos do Blur Mesmo antes do lançamento de *Parklife*, a banda já era aclamada como a salvação do pop inglês. E o pior é que existe uma forte dose de verdade em toda essa história.

Parklife é um mosaico que une cacos de psicodelismo, experimentalismo e guitarras pop, ingredientes necessários para se fazer um álbum tipicamente britânico. Muito disso se deve aos vocais de Damon Albarn, que às vezes resvala em David Bowie. Os destaques são a faixa-título, "End Of A Century" (puro Beatles) e a simpática "London Loves". Um conselho: comece a ouvir o disco a partir da segunda faixa, "Tracy Jacks". O motivo é simples: o hit "Girls & Boys" é simplesmente um saco! *Helio Gomes* ••

a nova pauleira dacda outra vez

Therapy?: Michael McKeegan, o líder Andy Cairns & Fyfe Ewing

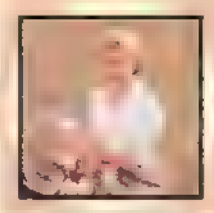
HELMET

Interscope/Warner

Betty

Em *Betty* há faixas no estilo consagrado pelo hit "Unsung" – *riffs* repetidos com rigor quase mecânico, intercalados com aquelas parafusadas dramáticas de silêncio. São assim "Wilma's Rumbow", "Tic", "Speechless". Mas agora há solos longos e ostensivos, quase um sacrilégio segundo a fórmula anterior da guitarra.

Surpresa: o esdrúxulo vocal com timbres industriais de "Biscuits For Smut", a melancolia de "I Know", a bossa-nova/thrash/jazz "Beautiful Love", o sampler da *groovy* "The Silver Hawaiian" e até um banjo *à la* Beck, que fazem uma mistureba metálica na qual o Helmet não parecia interessado. Uma receita onde só não entrou baba. *Alex Antunes*



THERAPY?

A&M/PolyGram

Troublegum

A *som psycho* deste trio irlandês nunca esteve tão ameaçador e certeiro como em *Troublegum*. Se no disco anterior – *Nurse* – a falta de foco implicou em desembestadas incursões pelo *techno/dub reggae*, o novo trabalho reafirma a identificação do grupo com o punk, o metal e o industrialismo, em meio a relatos autobiográficos de uma adolescência pontuada por claustrofobia e rejeição. Como se não bastassem canjas de Page Hamilton (guitarrista do Helmet) e Lesley Rankine (vocal do Silverfish), a porra-louca "Screamager" e uma hipnótica versão de "Isolation" (Joy Division), nos versos de "Knives", o malucaço Andy Cairns diz a que veio: "vou ficar bêbado e voltar aqui para te foder". *Arthur G. Couto Duarte*

PRIMAL SCREAM

Creation/Warner

Give Out, But Don't Give Up

Pode uma banda ser totalmente ordinária e – de repente – ser projetada para as altas galáxias da criação e do brilho? E a seguir mergulhar de cabeça em um pântano e achar ótimo? Bom pode, se o seu nome é Primal Scream.

É triste ver um grupo que costumava pisar fundo em novas direções dando uma marcha-à-ré embriagada em um disco nostálgico. Seria perdoável se tivesse aquelas fagulhas que fazem os Black Crowes interessantes. É um *Exile On Main Street* postiço, com chavões que o PS encaixa como um decorador põe um vaso de flores num canto da sala. *Camilo Rocha*

BLACK IS BACK

SEAL

ZTT/Warner

Seal

Como o primeiro, este álbum de Seal também é produzido por Trevor Horn (que fez *90125*, do Yes) e manteve as características marcantes da obra de Seal: melodias inspiradíssimas e dedilhados e levadas de violão em timbres requintados. As diferenças em relação ao disco anterior ficam por conta de um tratamento suave e cuidadoso e um sotaque menos dançante e bem mais "aprogressivado". Os arranjos misturam uma infinidade de instrumentos e vocalizações – num trabalho pouco comum no pop – e incluí participações de Joni Mitchell, Jeff Beck e outros. Seal exala sensibilidade e emociona, tamanha a beleza de algumas passagens musicais. *Robert Halfoun*

HQ no encarte do disco de "tia" Alice

ALICE COOPER

Epic/Sony

The Last Temptation

Na falta de idéias melhores, Alice Cooper uniu-se ao desenhista Neil Gaiman (de *Sandman*) para criar este projeto. Ou seja, Alice entraria com a música e Neil com um gibi e a arte que ilustra o encarte do álbum. O enredo: uma história tortuosa envolvendo moleques de rua, prostitutas etc. . Mas será que a rapaziada de hoje vai entrar na onda da tia Alice? Os mais velhos podem até achar interessante sua pauleira recauchutada. Mas o conceito é uma bobagem apesar de faixas "audíveis" ("Unholy War" e "Lost In America"). *Paulo Cavalcanti*

VÁRIOS

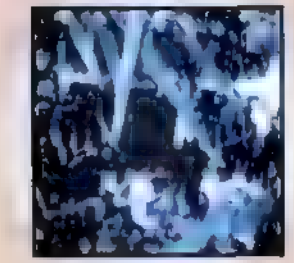
Mercury/PolyGram

Kiss My Ass – Classic Kiss Regrooved

Para quem tidava com o que o rock tinha de mais cretino e caricato, ser "coverizado" por astros do porte de Garth Brooks e Extreme dá quase na mesma. As simplérrimas canções do Kiss sofreram infiltrações: os metais dos Might Might Bosstones em "Detroit Rock City" e a orquestração *kabuki* de "Black Diamond" dão-lhes um requinte jamais intencionado.

Há poucos tiros na mosca: a brutal "Calling Dr Love" com Shandis Addiction (com caras do Tool, Faith No More e Rage Against The Machine), a simpatia retrô de Lenny Kravitz e Stevie Wonder em "Deuce" e "Plaster Caster", via Lemonheads. *Arthur G. Couto Duarte*

Paranóia & Som Latino invadem o metal



O disco de metal-experimental dos mineiros

HOLOCAUSTO

Cogumelo

Tozago Os Deismno

Imagine se o Daminhão Experiença e o King Crimson (fase *Lark's Tongues In Aspic*) fossem convidados pelo Zé do Caixão a gravar a trilha de *Delírios De Um Anormal*. E que depois de muito fumo (trazido pelo João Gordo), ácido (trazido pela Lydia Lunch) e goró (trazido pela Catifunda, da *Escolinha do Professor Raimundo*), ligassem o gravador numa *jam session*... Sacou?

Lembra podreiras "cabeça" tipo Swans e Scorn, com sobretons góticos tipo Bauhaus e legítima fuleiragem *made in Brazil*. As três últimas faixas parecem um "Einstuerzende Neubauten cover". Um disco excruciante que é mais fácil não ter e não ouvir, mas que também é um verdadeiro desafio para os ouvidos e espíritos aventureiros. *Alex Antunes*

SOH: uma banda de metal temperada por instrumentação típica andina

SOUL OF HONOR

Music Aill/Eldorado

Ancient Blood

Desde que o heavy metal expandiu seus horizontes, escapando de meia dúzia de clichês aborrecidos, se tornou um estilo bem mais interessante. Em *Ancient Blood*, o quarteto Soul Of Honor consegue misturar duas coisas que há cerca de quinze anos não se podia imaginar: a música andina e o metal.

Liderado pelo baixista Alex Vydala e ancorado na voz poderosa de Ivanna F., o Soul Of Honor faz um som interessante, sem ser revolucionário. "Ancient Blood", "Inner Colours", "Avow Me" e "Silent Fever" se mantêm dentro do padrão convencional, mesmo quando eles se utilizam de instrumentos pouco comuns ao rock.

O melhor está em "Lorelei", "Seven Lines" e "Sentences", em que zampoñas, charangos e harpas paraguaias são usados de forma bem evidente. Claro que não poderia faltar um momento "poncho e conga", com as versões de "Charanguito" e "Promessas Do Sol," de Milton Nascimento. *Jefferson de Sousa*

CORAÇÃO ADOLESCENTE

FRANK BLACK

4AD/Elektra [1]

Teenager Of The Year

Todo mundo se preocupa com CPIs e com a máfia do bicho, mas os problemas reais do nosso país não são atacados de frente. Por exemplo: quando é que algum infeliz vai se tocar e lançar os discos de Frank Black no Brasil? Será que ele o mesmo vai ter o mesmo triste destino dos Pixies, só lançados por aqui com anos de atraso, em versões semi-piratas?

Depois que desmantelou os Pixies, Frank Black lançou um irretocável álbum homônimo e agora põe na praça uma coleção de preciosidades surf/pop/punk.

São 22 faixas, uma melhor que a outra. Ele continua um letrista afiado, desfilando versos como haicais cobrindo o dia-a-dia e desfilando suas fixações: discos voadores, ficção científica...

Ele mistura guitarras punk com solos de *surf music* que parecem saídos de um disco dos Ventures. E Frank é eclético: "The Vanishing Spies" é uma balada no estilo da fase *glitter* de David Bowie. "Fiddle Riddle" tem um piano que é Roxy Music puro. "Headache" – o primeiro single –, é uma pequena pérola punk.

Eis um sério candidato a melhor disco do ano. Só os gênios das gravadoras brasileiras é que não sacaram isso. ANDRÉ BARCINSKI

Frank Black, ex-Black Francis: surf & punk

PESO COM SOTAQUE CAIPIRA

PRIDE & GLORY

DGC/Geffen [1]

Pride & Glory

P&G: Zakk Wylde (no centro) e seus comparsas

Eles desconhecem o *low-file noise* e as adjacentes aberrações experimentalóides. Não são chegados ao lamaçal de cérebros empedernidos do thrash metal. Nem têm aquela postura "panterosa" ou o visual mercenário. Assim, como quem não quer nada, foi que surgiu o trio Pride & Glory – o melhor grupo de heavy rock dos anos 90.

Fazem um som como nos bons tempos de grupos como Cactus, Mountain, ZZ Top, Grand Funk e outros que o tempo jamais apagará. Tudo começou há um ano, quando o guitarrista Zakk Wylde resolveu cantar ao sair da banda de Ozzy Osbourne. Chamou o baixista James LoMenzo e o baterista Brian Machy, ambos de um grupo de covers do grande Lynyrd Skynyrd. Na base da diversão, gravaram um álbum de estreia. Em 75 minutos de música, os caras produziram um dos mais endiabrados retratos do heavy rock anos 70, com um irresistível acento caipira do rock sulista americano. FERNANDO NAPORANO

A musa punk, agora inspirando as *riot grrrls* →

JOAN JETT AND THE BLACKHEARTS

4AD/Elektra [1]

Pure And Simple

A ex-menina precoce do punk retorna com a sua combinação raivosa de *glitter rock* com *bubblegum*. Joan, que um dia se espelhou em Suzi Quatro, agora inspira a nova geração.

Ela fez um disco "puro e simples", com participações das *riot grrrls* do L7, do Bikini Kill e das Babes In Toyland. Não foi por acaso, uma antiga canção de Jett (de 85) acabou incluída neste álbum: "Activity Grrrl".

Nunca unir o útil ao agradável foi tão bem empregado como nesta conjunção de belos rostos e boas canções. SÉRGIO BARBO

primitivo & sofisticado

THE FALL

Permanent [1]

Middle Class Revolt

O 27º álbum de uma carreira de dezessete anos, nove selos e vinte formações diferentes. E é um dos melhores do grupo liderado por Mark Edward Smith. Como sempre cáustico, ele aborda os assuntos mais inesperados – desde conselhos para mulheres que querem abandonar seus namorados ("15 Ways"), até uma conversa telefônica entre o fiel guitarrista

Mark Smith detona o 27º álbum de sua banda

Craig Scanlon e o radialista John Peel ("Symbol Of Mordgan"), passando por uma bronca em uma garota que dormiu com um cara, pensando que ele – o cara – fosse Smith! ("The Reckoning").

Há duas covers curiosas: "Junk Man" (dos obscuros The Groundhogs) e "Shut Up!" (dos ainda mais obscuros The Monks, formado por pracinhas americanos na Alemanha, nos anos 60). Tudo com o som ao mesmo tempo primitivo e sofisticado que caracteriza a banda de Manchester. DANIEL BENEVIDES

TRILHAS SONORAS

Memórias inglesas + O Corvo

DAVID BOWIE

Arista/BMG Ariola [N]

The Buddha Of Suburbia

VÁRIOS

Interscope [1]

The Crow

Bowie: trilha recorrendo ao seu sem safra 70

The Buddha of Suburbia é um telefilme inglês sobre um jovem suburbano nos anos 70, do hippie ao punk. Foi a fase de ouro de Bowie. Seria uma volta aos bons fluidos criativos? Quase. O próprio Bowie diz que fez os temas a partir das memórias da época com seu método atual de compor. Todas as músicas, inclusive a eletrônica e dançável "Sex And The Church", são bem seventies. Mas elas passam a preguiça criativa de suas criações pouco inspiradas. Bowie se sai bem nas incidentais "The Mysteries" e "Ian Fish, U.K. Heir" e melhor na instrumental "South Horizon", que namora o jazz rap.

Já a trilha de *O Corvo* – a história sobrenatural que vitimou Brandon Lee – oferece sons pesados, góticos, viscerais. E bem representados. Há o metal cabeça de Helmet e Nine Inch Nails, o rap politizado do Rage Against The Machine, a agressividade da Rollins Band e do Pantera e remanescentes do *dark* inglês dos anos 80 (The Cure, The Jesus And Mary Chain e Medicine, que conta com *backing vocals* de Liz Fraser e mixagem de Robin Guthrie, ambos do Cocteau Twins). E "It Can't Rain All The Time", com Jane Siberry, produzida por Graeme Revell. Mais trigo que joio. CHRISTIAN PETERMANN

HECTOR ZAZOU

Arista/BMG Ariola [1]

Sahara Blue

Centrada nos poemas simbolistas de Rimbaud, a música de *Sahara Blue* é um interregno de rumorações eletrônicas, ambiências à la 4AD e melodias étnicas de múltiplos sotaques, onde confluem ainda traços de *cool jazz*, dance music futurista e acordes *bluesy* reverberados. Insólito como a proposta do tecladista/produtor Zazou é o time de convidados: Ryuichi Sakamoto, John Cale, David Sylvian, Keith LeBlanc, Tim Simenon (Bomb The Bass) e... Gérard Depardieu! ARTHUR G. COUTO DUARTE

VÁRIOS

Arista/BMG Ariola [N]

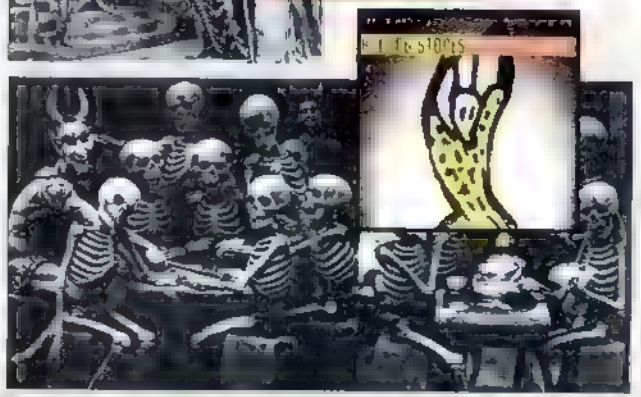
The Flintstones

Irregular junção de "engraçadinhos" em temas que abordam dinossauros, homens das cavernas etc. Tem The B-52's (assinando The BC-52's, o grupo "Before Christ") no tema título, o pavoroso Green Jelly numa *cover* de "Anarchy In The U.K." e até o B.A.D.. O melhor fica com o funk do Was Not Was ("Walk The Dinossaur") e o loucão Ward Al Yankovic com "Bedrock Anthem" (uma boa paródia de "Under The Bridge" e "Give It Away", dos Red Hot Chili Peppers). PAULO CAVALCANTI

RÁPIDO & RASTEIRO

A "filha pródiga" à casa torna. Uma das seções mais polêmicas da 8 ZZ reaparece em novo formato. Não só com o "restolho" da produção fonográfica, mas também para lembrar que as resenhas podem surgir ao longo da revista – e não só na seção *Lançamentos* (vide a matéria dos Beastie Boys nessa edição). A seguir um outro exemplo ■ **ROLLING STONES • Voodoo Lounge** (Virgin/EMI-Odeon) • A crítica você já leu no número anterior da BIZZ, mas convém lembrar que – apesar do disco ser legal – não é comparável com a (incomparável) *golden age* dos Stones. No mais, veja o álbum a seguir ■ **THE BLACK CROWES • The Southern Harmony And Musical Companion/ High As The Moon – Live From Sam Houston Coliseum, Houston, Texas** (Def American/PolyGram) • Eis que o álbum de 92 dos caras (lançado por aqui em 93) é reeditado em um CD duplo, acompanhado de um convincente EP ao vivo (também de 93). E para os que consideravam o grupo apenas uma cópia escarrada dos Faces, basta quem "xerocou" a idéia de quem, nos encartes dos respectivos discos *(abaixo)* ■ **MARCELLA DETROIT • Jewel** (London/PolyGram) • A ex-Shakespear's Sister num álbum solo simpático

Os encartes dos discos dos Black Crows e dos Rolling Stones: xerox ou "mera coincidência"?



Destacam-se a faixa-título, além da versão de Sly And The Family Stone ("I Want To Take You Higher") ■ **PATRICIA MARX • Ficar Com Você** (Lux) • A ex-integrante do Trem Da Alegria aporta na praia da *dance music*, à bordo do selo do "eclético" Nelson Motta. O repertório é igualmente eclético (Roberto e Erasmo, Rita Lee, Titãs), mas os arranjos chinfrim e a voz dela não convencem, apesar da graça da menina ■ **JON SECADA • Heart, Soul & A Voice** (SBK/EMI-Odeon) • Sem querer "secar" o rapaz, neste caso a gente pode dispensar o terceiro item do título. É o máximo que se pode dizer das 'babaladas' deste hitmaker chicano, capaz de deixar saudades até do Fabio Jr ■ **JOHN MICHAEL MONTGOMERY • Kickin' It Up** (Atlantic/Warner) • Na trilha dos "neo-caubóis cantantes" que seguem Garth Brooks buscando o *Top One*, JMM não é tão pentelho, mas também torra o saco com "suas" baladas, todas compostas por terceiros. Irritantemente igual a *Life's A Dance*, disco do mancebo que já foi lançado por aqui.

Celso Pucci

RECEBA PELO CORREIO - PAGUE AO RETIRAR
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
FONE: (011) 299-7478

CAMISETA
ESTAMPA FRENTE
MANGA CURTA (MC)
MANGA LONGA (ML)

663 671 659

669 670 666

665 668 664

629 649 628

652 553 602

BERMUDÃO (BMD)
COM BOLSO LATERAL

BMD - 1 BMD - 2

LANÇAMENTOS EXCLUSIVOS !

Stomp Rockwear

MALHA MERCERIZADA
SILK SCREEN DE ALTA QUALIDADE
TAMANHOS P, M, G

CAMISETA ESPECIAL (TE)

TE 56 TE 46 TE 42

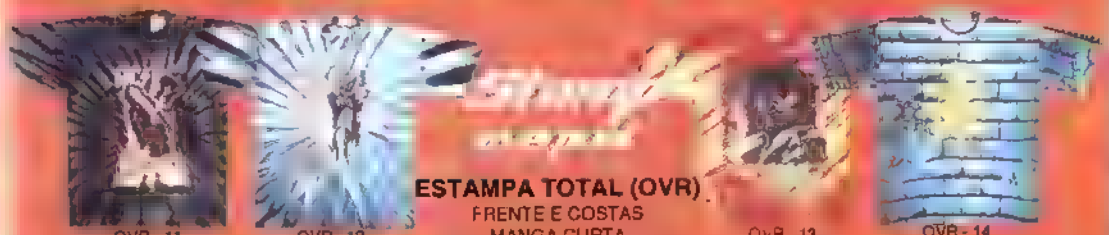
ESTAMPA FRENTE E COSTAS
MANGA CURTA

TE 58 TE 43 TE 51

TE 55 TE 54 TE 57 TE 44 TE 52 TE 47 TE 48

TE 50 TE 49 TE 53 TE 39 TE 36 TE 34 TE 26

ESTAMPA TOTAL (OVR)
FRENTE E COSTAS
MANGA CURTA


OVR - 11 OVR - 12 OVR - 13 OVR - 14

OVR - 3 OVR - 2 OVR - 5 OVR - 6 OVR - 7

PREÇOS

MANGA CURTA(MC)	- R$ 12,00
MANGA LONGA(ML)	- R$ 16,00
CAM. ESPECIAL(TE)	- R$ 18,00
CAM. OVERPRINT(OVR)	- R$ 22,00
BERMUDÃO(BMD)	- R$ 18,00

REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

NOME
END.
CEP CID EST

ENVIE O CUPOM AO LADO (OU XEROX) P/
STAMP - RUA HELIODORA, 321
CEP 02022-051 - SÃO PAULO - SP

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

CONTIGO: Gente, Atualidades e TV
BIZZ: Rock
SET: Cinema e Vídeo
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

BOA FORMA: Fitness, Beleza e Saúde
CARICIA: Comportamento Adolescente
UAU: Idolos da Juventude
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAUDE É VITAL: Prevenção e Saúde

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
1500 VIDEOS

Especiais

FAMA
LETRAS TRADUZIDAS
VIDEO ERÓTICO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9145 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 48-6

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Comercial e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio I - sala 202 - CEP 70300 - Brasília - DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 367 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 224-9534
Paraná: M. C. Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - cep 20020-080 - telefax: (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre - RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village - Florianópolis, SC - Tel.: (0482) 32-0519

VÍDEOS

Da Austrália para o mundo

U2 - ZOO TV - Live From Sydney

Island/PolyGram. Direção: David Mallet. Duração: 150 min. N

Curioso que, no Brasil onde se anunciou a chegada da "era dos megaconcertos", não tenha tido condições de bancar a vinda do U2. A *Zoo TV* é tudo o que um fã de bons shows ira curtir: palco enorme, zilhões de telas de TV, trocas de roupas, uma dançarina e a passarela para Bono desfilar para os seus fãs australianos. O show tem ironia: o U2 entra no palco depois do soar de trombetas e de tambores, com os gritos histéricos do público. Bono não posa como um garoto que pede a Deus para salvar o mundo.

Ele é o Criador, com mensagens, como "sexo é diversão"/"assista mais TV", que usa o alter-ego McPhisto (trocadilho com *Mefisto*, demônio de Fausto, para fazer seu famoso telefonema - uma das partes mais esperadas do show. Também não ha o grupo toca os sucessos dos dois últimos discos, homenageia Elvis Presley e Lou Reed e faz apenas uma concessão aos velhos fãs em "New Year's Day". Se o futuro do rock é virar circo, que venham mais "palhaços" como o U2. SÉRGIO MARTINS

MADONNA - The Girlie Show - Live Down Under

Warner. Direção: Frank Olla, Micalli. Duração: 120 min. N

Madonna não montou este show no palco pensando na versão em vídeo. Mas sem querer ela acertou - al ás até um pouco mais do que ao vivo.

Projetado para os grandes estádios, o espetáculo nem sempre atraia quem estava a mais de cinquenta metros de distância da cantora. Numeros como "Rain" ou "Vogue" ficavam perdidos para a maioria da platéia e são capturados em detalhes no video, gravado na Austrália. E até mesmo músicas que se davam bem em espaço aberto – como "Express Myself" ou o remake de "Hol day" - conservam boa parte da excitação original. Só um detalhe imperdoável, tanto na lembrança de quem viu-a ao vivo, quanto no video: aquele pierrô "bregão". É só. ZECA CAMARGO

bolsa de discos

SONIC YOUTH • Experimental Jet Set, Trash And No Star Geffen/AMG-Ariola

9 9 6 9 6 7 9 9 8 9

VÁRIOS • Alternative NRG Hollywood/Warner

9 8 9 8 6 • 7 9 • •

ROLLINS BAND • Weight (Imago/BMG-Ariola)

8 6 7 8 6 9 7 8 10 6

VÁRIOS • Backbeat (Virgin/EMI-Odeon)

8 6 8 6 7 5 8 8 9 8

TOOL • Undertow Zoo Entertainment/Warner

7 6 • 9 6 5 9 8 8 6

PRETENDERS • Last Of The Independents Warner

8 5 8 6 5 5 10 7 6 9

NASI E OS IRMÃOS DO BLUES • Uma Noite Com... Tratras

• 4 7 9 7 6 • 7 • 7

THE BRIAN SETZER ORCHESTRA • The Brian Setzer Orchestra RCA/BMG-Ariola

• 7 2 8 6 • 3 8 • 7

STONE TEMPLE PILOTS • Purple Warner

2 4 6 6 7 5 6 7 6 6

ANGRA • Angels Cry (Eldorado)

5 • 3 3 8 0 8 7 • •

parada

EUA *Albums* 03/07 Billboard

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

EUA *Singles* 03/07 Billboard

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

[ON SECADA]

GB *Indie* 25/08 Melody Maker

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

GB *Albums* 02/07 Music Week

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

Clássicos

Eternamente mod

Quarteto britânico tem sua carreira passada a limpo em caixa de CDs

Um jeito mod de ser: o baterista Keith Moon, o baixista John Entwistle, o vocalista Roger Daltrey e o guitarrista Pete Townshend (à frente e também na capa, em duas fases distintas à frente de sua banda)

O guitarrista se aproxima do microfone e vocifera. "Isso aqui é uma porra de um concerto de rock, não um chá dançante, porra!"

Com este discurso inflamado, cuspido para uma platéia irrequieta em Long Beach, na California, Pete Townshend abre o primeiro dos quatro CDs de clássicos, randades e faixas inéditas de **Thirty Years Of Maximum R&B** (Polydor), caixotão comemorativo dos trinta anos do grupo **THE WHO**, previsto para pintar no Brasil em edição importada pela PolyGram, em setembro. É uma das pistas do que está por vir: a bronca de Pete define muito bem aquela mistura de seriedade pomposa, de vaidade intelectual, de farra descontrolada e de peso brutal que constituiria o som de uma das bandas mais importantes do rock. Todos os hits clássicos foram remasterizados pelo sistema digital, ganhando clareza e contornos sonoros impressionantes – especialmente os mais antigos ("My Generation", "Can See For Miles"). E a seleção das faixas ao vivo foi criteriosa, ainda que reduzida – não deixe de ouvir "Bony Moronie" (inédita, registrada em 71) e os *takes* de *Live At Leeds* (70).

As pepitas garimpadas nos arquivos são apetitosas para o colecionador: "Jaguar", de 67, até agora desconhecida; "Rael 2", de 67, as sementes da ópera-rock *Tommy* ("Melancholia", de 68), parte do que restou do álbum *Lifehouse*, jamais lançado, uma composição de Keith Moon ("Green Eyes") e até uma versão de "The Real Me" que foi o teste para Kenney Jones assumir as baquetas da banda.

Como um caixotão desse deveria ser, ele serve para se observar de camarote a evolução de um combo de pop/rock e de rhythm'n'blues dedicado à sua tribo *mod* – a qual se manteve fiél – até o genial gigante do rock'n'roll, dono de uma personalidade musical marcante e única, que ajudou a estabelecer os principais alicerces do gênero. *José Emilio Rondeau*

Os reis do "jingle jangle"

Pioneiros do folk rock em edição nacional

OK, essa é para quem curte grupos novos naquele estilo de Counting Crows, de Lemonheads e de The Jayhawks. Ou mesmo para aqueles que forjaram a sua consciência musical na década passada, achando o máximo as melodias do R.E.M.. Pode ir até para os mais "velhinhos", que nos idos dos anos 70 ouviam Tom Petty And The Heartbreakers ou The Eagles. Que todos saibam que essa "raperze" sequer teria existido, não fosse o legado do quinteto californiano **THE BYRDS**, surgido em meados dos anos 60.

Tendo à frente a guitarra Rickenbacker de doze cordas tocada por Roger McGuinn (que se inspirou na usada por George Harrison no filme *A Hard Day's Night*) e sutilíssimas harmonias vocais, o grupo foi o criador do chamado folk rock. E o *big bang* do gênero foi detonado pelo hit "Mr Tambourine Man", que Bob Dylan convertido a fã da banda – compôs para os caras. Alias, o som de guitarra ultra-original tirado por McGuinn – com um timbre metálico, simultaneamente rascante e delicado – ficou conhecido como "jingle jangle", a partir de um dos versos da canção. Esta explodiu no topo da parada americana e foi o carro-chefe de um álbum chamado – é claro – **Mr. Tambourine Man**, que foi lançado em 65 e logo galgou o *Top Ten*. Mas este não era o seu único trunfo: havia mais três originais de Dylan ("All I Really Want To Do", "Chimes Of Freedom" e "Spanish Harlem Incident"), uma versão para um tema do lendário trovador Pete Seeger ("The Bells Of Rhymney"), além do material do grupo – "You Won't Have To Cry", "It's No Use".

David Crosby, Gene Clark (ambos vocais/guitarras), Michael Clarke (bateria), Chris Hillman (baixo/vocal) e McGuinn (guitarra/vocal)

Agora, a maravilha está sendo editada aqui pela Sony. Não pense duas vezes, agarre o seu. *Celso Fucci*

A dança não tem fim...

Grace Jones e Barry White presentes em revival dançante

Diva disco

Na época (85), o seu egocentrismo causou estranheza. **Slave To The Rhythm** (Island/PolyGram) traz oito variações sobre o mesmo tema, intercaladas com alguns trechos de entrevistas com a modelo/cantora **GRACE JONES** e leituras do poema de Penman, "Annihilation Of The Rhythm". Após dez anos, parece que ela, ao invés de "dona" do álbum, é quase que um pretexto conceitual.

Pretexto é exagero – ela inclusive canta bem. Mas toda a coisa caberia em um compacto, não fosse a invencionice dos produtores Paul Morley/Trevor Horn, da ZTT – os mesmos do som de Frankie Goes To Hollywood e The Art Of Noise. As desconstruções do tema original, através do super-sampler *synclavier*, lembram as colagens deste último e tem espaço até para versões disco-industriais, disco-marciais e disco-progressivas da matriz *funky*. Bem legal. Mas é provável que os fãs preferissem a reedição de *Warm Leatherette* (80) ou de *Nightclubbing* (81, *Discoteca Básica*, BrZZ 30). *Alex Antunes*

Voz de "travesseiro"

Disco music. Ainda que não se goste, é melhor do que a cena dance que assola o pop há dez anos. O selo português Movieplay lembra dos tempos mais ingênuos e criativos do som dançante com antologias de **BARRY WHITE, SANTA ESMERALDA** e o CD **Shake Your Booty** com **K.C. AND THE SUNSHINE BAND, JIMMY "BO" HORNE** e **GEORGE & GWEN McRAE**. **You're The First** traz o vozeirão romântico de White com seus arranjos pseudo-sinfônicos. Já o Santa Esmeralda juntava melodias ciganas com sacolejo, em hits como "Don't Let Me Be Misunderstood" e "House Of The Rising Sun", sucessos dos Animals. **Shake Your Booty**, por fim, sintetiza o *Miami sound*, nicho dos melhores astros da disco, em clássicos como a faixa-título (K.C.) e "Rock Your Baby" (George McRae), primeiro hit no estilo. *Paulo Cavalcanti*

Nos anos 60 e 70, o rock passou por aqui

Três destaques da Jovem Guarda são resgatados em CDs

Uma brasa, mora!

O pop/rock nacional nos meados dos anos 60 era totalmente calcado nos moldes anglo-americanos. Os grupos baseavam-se em The Shadows, The Ventures, The Kinks etc. **GOLDEN BOYS**, **OS VIPS** e **OS INCRÍVEIS** – todos projetados na época – foram muito influenciados por estas bandas. E agora são resgatados em três CDs.

Os Grandes Sucessos Dos Golden Boys (EMI-Odeon) traz o quarteto formado em 58 pelos irmãos Roberto, Renato e Ronaldo Correia, junto a Valdir Anunciação, em hits como "Alguém Na Multidão", "Pensando Nela", "Fumacê", "O Cabeção" e "Ai De Mim".

Entre 61 e 64, os irmãos Márcio e Ronald Antonucci cantavam em inglês como Jet Williams e Ronald Red, com um certo Johnny Johnson (aliás, Sérgio Reis!). Depois, passaram a se chamar Os Vips e tiveram hits como "Emoção", "A Volta" (ambas de Roberto Carlos) e "Faça Alguma Coisa Pelo Nosso Amor", todas no CD **Os Vips – Os Maiores Sucessos** (Phonodisc/Warner).

O Milionário (Phonodisc/Warner), foi o quarto álbum do grupo Os Incríveis, que estreou a formação clássica da banda: Mingo (guitarra-base/vocais), Risonho (guitarra-solo), Nenê (baixo), Netinho (bateria) e Manito (teclados/sax). Para lembrar das "jovens tardes de domingo", a trilha ideal... *Toninho Spessoto*

Ronald & Márcio: irmãos cantores que se projetaram como Os Vips

Os Golden Boys *(acima)* se davam bem em hits como "Fumacê" e "O Cabeção", enquanto o grupo Os Incríveis *(abaixo)* conseguiam emplacar temas instrumentais como "Gerônimo" e "O Milionário"

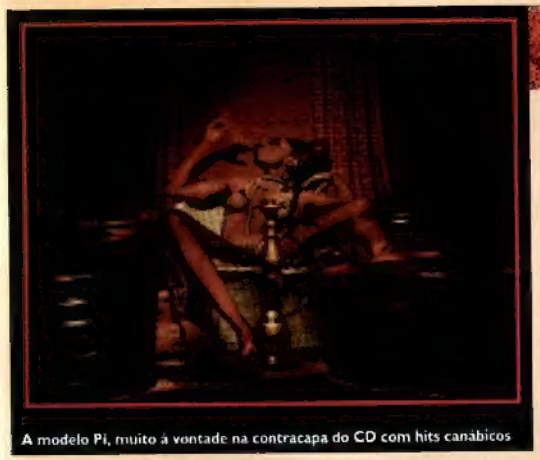
Rock'n'roll desvairado

Um resumo da profissão de fé do Made In Brazil

As capas dos discos da série Acervo, editada pela BMG-Ariola, são tão indigentes – ausência de dados sobre as gravações, erros nas grafias dos títulos de faixas ou até nos nomes dos artistas – que talvez a gravadora devesse mudar o nome do projeto para "desacerto".

Mas o velho e bom **MADE IN BRAZIL** não tem culpa disso. E este apanhado de seus quatro álbuns lançados pela antiga RCA entre 74 e 80 vem a calhar para a festa de 27 anos de atividades que o grupo completa em agosto. Temos aqui clássicos do rock brasílico saídos da pena do líder Oswaldo Vecchione, como "Anjo Da Guarda", "Minha Vida É O Rock'N'Roll" e "Jack, O Estripador", bem como versões ilustres do grupo (vide o arranjo rock para "Aquarela Do Brasil", de Ary Barroso). *Ayrton Mugnaini Jr.*

Celso Kim (guitarra), Oswaldo Vecchione (baixo) e Cornélius (vocal)



A modelo Pi, muito à vontade na contracapa do CD com hits canábicos

"Bagulho do bom"

Um tributo à ganja, feito pela nata do som jamaicano

De Bob Marley a Shabba Ranks não houve um artista jamaicano que não louvou a maconha. Uma boa mostra disso é a coletânea **Big Blunts (12 Smokin' Reggae Hits)** – termo que define charutos de maconha (Tommy Boy/Warner). O disco pode ser dividido em três etapas: a primeira glorifica o poder curativo da ganja e pede sua liberação. Há a pregação religiosa de **RITA MARLEY** em "One Draw" (ausente da versão nacional do CD). Ou "Chalice In The Palace", com **DJ U-ROY** – "pai" de Shabba e outros "ranks" – em que ele se imagina dando uns "pegas" com a rainha da Inglaterra no Palácio de Buckingham.

Completam este time nomes como **NINJA MAN**, **TONY REBEL** e **YELLOWMAN**.

Em seguida, é a vez de curtir um barato. **LONE WEED** glorifica o fumo jamaicano em "Loneweed". **SUGAR MINOTT**, um outro ferrenho defensor da erva, comenta o dia-a-dia dos "passadores" na sua "Herbsman Hustling". Já um cara como **BARRINGTON LEVY** fica doidão – literalmente – com "Under Mi Sensi". Há ainda duas versões de "Under Mi Sleng Teng", a malemolente faixa eletrônica de **KING JAMMY** que inaugurou o *dancehall* na Jamaica. Uma delas traz como convidado especial o rapper **B-REAL**, do Cypress Hill – outro grupo que leva este papo da maconha bem a sério.

At last, but not least, duas músicas no estilo "passa a bagaça". **FRANKIE PAUL** – o "Stevie Wonder das hordas de Jah" – surrupia "Norwegian Wood", dos Beatles, e usa a cozinha de Sly Dunbar e Robbie Shakespeare em "Pass The Kushempeng". E os **MIGHTY DIAMONDS** fazem uma versão *extended mix* de "Pass The Kutchie". Resumo: as pérolas desta compilação são "da boa". *Sergio Martins*

Jukebox — Johnnie Ray

Quando o rock explodiu no meio dos anos 50 com Elvis Presley, Bill Haley e outros, já havia no mercado de discos todo um clima preparado para isso.

Um dos principais elos de ligação entre a velha e a nova geração da música americana foi **JOHNNIE RAY**, cantor que reinou supremo até a chegada de Elvis Presley. Ray despertava a histeria incontida da mulherada. Seus shows eram tumultuados e ele sempre acabava com as roupas rasgadas pela multidão. Ao vivo, se jogava no chão, se descabelava e – para refletir a emoção das canções – chorava como criança.

Nascido em 1927 no Oregon, Ray sofreu um acidente na adolescência que o deixou surdo de um ouvido. Começou em programas de rádio e cantando em pequenos clubes. Em 51 teve sua grande chance ao assinar com o selo Okeh, subsidiário da Columbia.

Quando o compacto "Cry" chegou ao primeiro lugar das paradas, muitos pensavam que ele era negro. Isto ocorreu porque ele foi fortemente influenciado pelo rhythm'n'blues, gravando músicas de Big Joe Turner ("Flip Flop And Fly"), The Drifters ("Such A Night") e The Prisionaires ("Just Walking In The Rain").

Com a chegada do rock'n'roll, Ray viu o fim de seu reinado nas paradas. Seu último grande sucesso foi "Yes Tonight, Josephine", em 57. Continuou a sua bem-sucedida carreira em shows e no cinema, estrelando filmes como *O Mundo Do Fantasia (There's No Bussiness Like Show Bussiness)*, ao lado de Marilyn Monroe.

Johnnie Ray morreu no começo de 90. Além de seu impacto inicial, foi reverenciado por artistas mais modernos, como Dexy's Midnight Runners, que o cita na letra do grande sucessso "Come On, Eillen". E Morrissey exagerou no seu fanatismo por Ray posando em várias fotos com um aparelho para surdez. *Paulo Cavalcanti*

Ray em prantos, para o delírio daquelas fãs pré-rock'n'ro

Discografia Selecionada

■ **As Time Goes By** • Coletânea que está saindo agora no Brasil pela gravadora Revivendo – R. Barão do Rio Branco 28/36, 2º andar, Curitiba (PR)/Fone: (041) 224-2313/Fax: (041) 232-3797. Inclui 19 sucessos de Ray ■ **Cry** (92) • Antologia lançada na Alemanha pela gravadora Bear Family contando com 32 faixas, algumas delas inéditas ■ **Johnnie Ray At The Paladium** (93) • Mais um lançamento da Bear Family, com um show que Ray fez no London Paladium, em 54.

Duas faces de Deus

Deus? Derek? Não, só Eric Clapton... um senhor guitarrista

Suas doze faixas resultaram da mistura do blues tradicional cultuado por Mayall nos **BLUES-BREAKERS** com a eletricidade da guitarra de Clapton, levada ao extremo logo em seguida com o Cream. No final das contas, a conclusão é óbvia: o álbum é uma pedrada fundamental para qualquer blueseiro. Corra atrás do seu.

John Mayall & Cia.

Você já deve ter ouvido que John Mayall é o pai do blues britânico. Eis a prova: **Bluesbreakers – John Mayall With Eric Clapton** (Deram/PolyGram) é sublime. Seu maior trunfo: revelar o poder de um guitarrista que – aos 21 anos – era chamado de Deus.

Codinome: Derek

Derek And The Dominos – Live At The Fillmore (Polydor) ficou ainda melhor na edição remasterizada em CD, com cinco músicas inéditas e outras duas, antes só incluídas na caixa *Crossroads*. Atrás da persona de Derek está um Eric Clapton afundado na heroína e arrasado amorosamente.

O álbum duplo traz Clapton em sua fase mais brilhante como guitarrista, quando encontrava a medida exata de virtuosismo. No repertório, alguns dos melhores blues registrados por ele, além de canções do único álbum gravado com o nome de **DEREK AND THE DOMINOS**, o antológico *Layla*. Falar de pontos altos em um disco como esse é pura redundância. Seus quase 125 minutos são um marco que nunca será reeditado. E Eric Clapton deve saber disso.

Uma pena: *Live...* não saiu por aqui, como o álbum dos Bluesbreakers. Mas vale gastar uns quarenta dólares no importado. *Hélio Gomes*

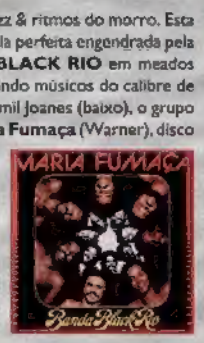
Eric Clapton ressurge em um par de discos antológicos

"Cobras criadas" no Brasil

Exemplos de brilho instrumental tupiniquim

Ginga carioca

Funk/soul/jazz & ritmos do morro. Esta foi a alquimia perfeita engendrada pela **BANDA BLACK RIO** em meados dos anos 70. Reunindo músicos do calibre de Oberdan (sax) e Jamil Joanes (baixo), o grupo estreou com **Maria Fumaça** (Warner), disco instrumental de 76. Temas próprios e arranjos *funky* para clássicos da MPB (Ary Barroso, Luiz Gonzaga) tornaram este disco – que sai agora em CD – um marco. *Celso Pucci*



Fusão gaúcha

O trio de som instrumental brasileiro **AZYMUTH** se consagrou – lá nos Estados Unidos – como um dos principais expoentes de *funk fusion* no fim dos anos 70. E até já foi equiparado, por gente do *acid jazz* inglês, com Herbie Hancock! A Warner relança em CD o seu segundo álbum, **Águia Não Come Mosca** (77), com o samba funk que lhe dá título e a versão da clássica melô "Vôo Sobre O Horizonte". *Alex Antunes*

V Vídeo

A força viva do U2

Há dez anos, algo especial saltava de meu videocassete. Àquela altura, os três primeiros álbuns do **U2** – *Boy* (80), *October* (82) e *War* (84) – não saíam da vitrola. Porém, ver a banda ao vivo foi algo totalmente novo. O impacto de **Under A Blood Red Sky (Live At The Red Rocks)** (84, Island) foi fulminante. E se mantém o mesmo nesta edição que sai agora no Brasil, pela PolyGram.

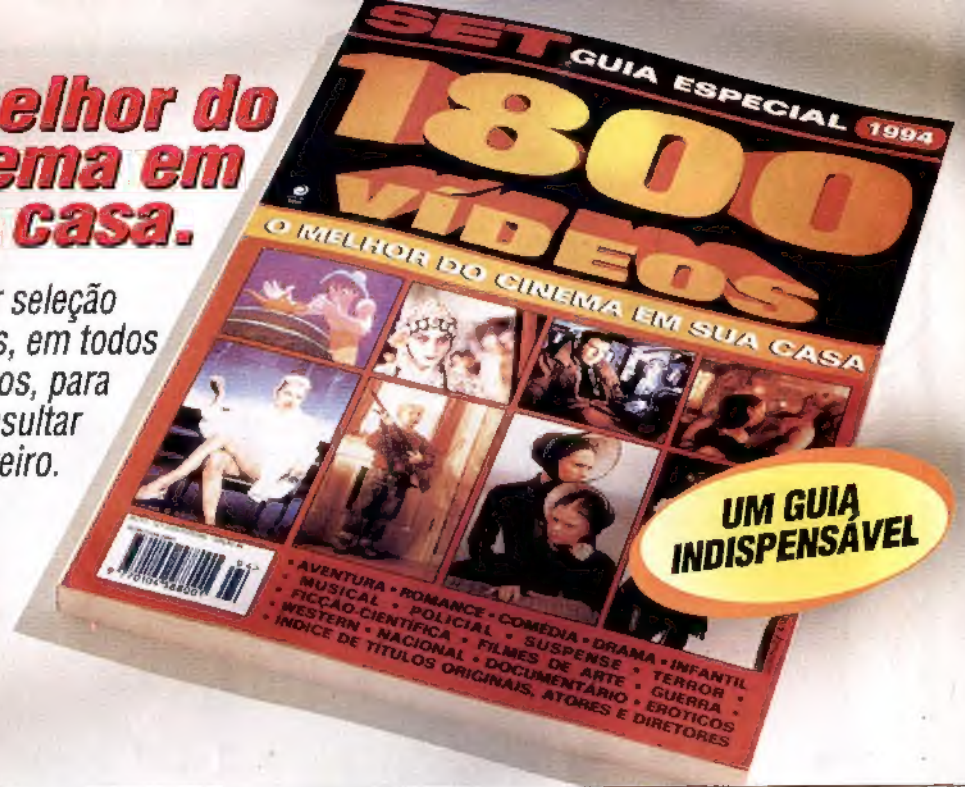
Em 84, o U2 era uma banda fascinante. Bono não soava como babaca ao fazer das suas. E eles impressionavam pela unidade, o que ficou ainda mais claro no disco homônimo, lançado após o filme. Enfim, U2 era "a banda".

Hoje, o U2 é o maior grupo do planeta e seus shows, uma explosão de tecnologia e perfeição técnica. Ainda bem que um dia tudo foi diferente. O que se vê no vídeo dirigido por Gavin Taylor é uma banda que comete erros atrás de erros: Edge se perde com sua guitarra, Larry Mullen se atrapalha com as baquetas e Adam Taylor parece estar mais preocupado com o topete tingido de loiro.

Mas nada disso importa. Ponha a fita em seu vídeo e desfrute 58 minutos do U2 em seu melhor momento. **H.G.**

O melhor do cinema em sua casa.

A melhor seleção de vídeos, em todos os gêneros, para você consultar o ano inteiro.



EDITORA AZUL

BIZZ

PARA ANUNCIAR LIGUE:
(011) 816-7866
Ramal 304

EDITORA AZUL

SONG BOOKS
MÉTODOS E VÍDEO-AULAS
IMPORTADOS E NACIONAIS.
ATENDEMOS TODO O BRASIL
RUA TEODORO SAMPAIO,785
SÃO PAULO - SP
TEL/FAX: (011) 853-4690

PAI DO ROCK
INSTRUMENTOS MUSICAIS

NOVOS E USADOS (nacionais e importados)
VENDA • TROCA • CONSIGNAÇÃO
MANUTENÇÃO DE GUITARRAS E BAIXOS

ATENDEMOS TODO O BRASIL
REVENDEDOR AUTORIZADO

ARIA PRO II • BARTOLINI • BOSS • CRATE DI GIORGIO • DEAN • EMG • FENDER GIANNINI • GOLDEN • GOTOH • IBANEZ KHALLER • LEGEND • LION • METEORO OLIVER • ONNER • PEAVEY • RARUS SEYMOUR DUNCAN • SHADOW • SONORUS • SOLID SOUND • SIGMA SANTO ANGELO • STANZA • VIENA CASES • WASHBURN • WHITNER

PAI DO ROCK
INSTRUMENTOS MUSICAIS

RUA TEODORO SAMPAIO, 865 - PINHEIROS
CEP 05405-050 - SÃO PAULO - SP
TELS.: (011) 883-6779 / 851-1651

D.B.

Discoteca Básica

MAHAVISHNU ORCHESTRA
Birds Of Fire

PERFORMANCE

Lançamento 1973 ■ **Produção** Mahavishnu Orchestra ■ **Faixas** "Birds Of Fire" • "Miles Beyond" • "Celestial Terrestrial Commuters" • "Sapphire Bullets Of Pure Love" • "Thousand Island Park" • "Hope" • "One Word" • "Sanctuary" • "Open Country Joy" "Resolution" ■ **Notas** O álbum entrou no *Top Twenty* da parada americana (15ª posição) e da inglesa (20ª). Foi a vendagem mais alta da banda, só superada – entre todos os discos de John McLaughlin, pela parceria dele com Carlos Santana (*Love, Devotion, Surrender*), também de 73, sétimo posto no Reino Unido • Ambos os álbuns foram inspirados nos ensinamentos do guru indiano Sri Chinmoy, que batizou McLaughlin de "Mahavishnu" (e Santana de "Devadip") • Chinmoy escreveu o poema "Revelation", da contracapa de *Birds Of Fire*. McLaughlin abandonou a doutrina e o nome religioso em 76, mas voltou brevemente a ele em 83, no disco *Mahavishnu* ■ **Formatos** Disponível em CD pela Columbia/CBS nos EUA e no Japão. Saiu no Brasil em vinil, mas está fora de catálogo. Há um *The Best Of Mahavishnu Orchestra* também tançado por aqui em vinil (e em CD na Alemanha), com duas faixas extraídas do álbum.

Aos 27 anos, o guitarrista inglês John McLaughlin chegou a Nova York convidado para uma revolução. Miles Davis, que tinha acabado de ouvir seu primeiro disco solo (*Extrapolation*, de 69), queria McLaughlin na superbanda que iria eletrificar o jazz. O resultado imediato: os álbuns *In A Silent Way*, ainda em 69 e *Bitches Brew*, no ano seguinte.

Combinando influências que iam do gosto pela música erudita até o blues tradicional e a prática como um músico de rhythm'n'blues (com a Graham Bond Organisation; com Brian Auger) e o *free jazz*, McLaughlin foi um dos esteios de Miles na formulação do *jazz fusion*.

E a síntese de tudo isso seria feita com a Mahavishnu Orchestra, fundada por McLaughlin em um verdadeiro agrupamento multinacional, recrutado basicamente entre os *sidemen* de Miles: o tecladista tcheco Jan Hammer (um dos pioneiros no uso do sintetizador), o baixista irlandês Rick Laird, o violinista americano Jerry Goodman (ex-The Flock) e o exímio baterista Billy Cobham, nascido no Panamá.

O primeiro álbum – *Inner Mountain Flame* (72), creditado a John McLaughlin e Mahavishnu Orchestra e produzido pelo guitarrista), ainda agregava partículas de country e soul à receita e esboçou o disco definitivo deles: *Birds Of Fire*.

MO: *(da esq.)* Jerry Goodman, Jan Hammer, John McLaughlin, Billy Cobham & Rick Laird

Em *Bitches Brew*, uma faixa intitulada "John McLaughlin" não deixava dúvidas do apreço de Miles pelo guitarrista, com quem ele tocou e gravou esporadicamente até 85.

Mas McLaughlin foi ainda mais fundo na fusão com o rock ao lado do baterista Tony Williams, outra cria de Miles, na banda Lifetime. Ao mesmo tempo, ia gravando seus próprios discos – *Devotion*, o acústico *My Goal's Beyond* –, sempre unindo intensidade *bluesy*, timbres inusitados, fraseados rapidíssimos e um lirismo inspirado pelas filosofias orientais – McLaughlin já era praticante de ioga desde meados dos anos 60. Um encontro com Jimi Hendrix (que foi registrado no pirata *Electric Birthday Jimi*, de 69) também deixou clara a admiração mútua e o impulso transformador dos dois guitarristas.

Esse, creditado e produzido coletivamente, pode ser considerado parte do tripé definitivo do *jazz fusion* – ao lado de *Heavy Weather* (77), do Weather Report, e *No Mistery* (75), do Return To Forever – todas elas formações originárias da banda de Miles.

Ao longo das décadas seguintes, o *jazz fusion* despencaria em um processo de diluição, de mesmice e de conservadorismo – como as próprias formações seguintes da Mahavishnu Orchestra vieram comprovar, não mostrando mais o mesmo vigor.

Mas composições com a estirpe da épica "Birds Of Fire", da evocativa "Thousand Island Park" ou da inventiva "Miles Beyond" ainda permanecem como um real testemunho de um tempo de liberdade.

ALEX ANTUNES

77

SETE SETE CINCO

PHOTO: FABRICIO (011) 826-4288 PHOTO